



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA



ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCADORES DE INFÂNCIA
MARIA ULRICH

A Leitura Dialógica de Histórias no 1º Ciclo

Carolina Maria Leitão Pinhaños dos Santos

24957

Orientador do relatório:
António Luís Montiel

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada submetido como requisito para a obtenção
do grau de:

**MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ – ESCOLAR E ENSINO DE 1º CICLO DO ENSINO
BÁSICO**

2019



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA



ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCADORES DE INFÂNCIA
MARIA ULRICH

A Leitura Dialógica de Histórias no 1º Ciclo

Carolina Maria Leitão Pinhanços dos Santos

24957

Orientador do relatório:
António Luís Montiel

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada submetido como requisito para a obtenção do grau de:

MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ – ESCOLAR E ENSINO DE 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

2019

II

Relatório da prática de Ensino Supervisionada realizado sobre a orientação de António Luís Montiel, apresentada no ISPA – Instituto Universitário/ESEI Maria Ulrich para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino de 1º Ciclo Do Ensino Básico, criado por aviso nº 11449/2015, publicado em Diário da República, 2ª série, nº 195 de 6 de outubro

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus quatro sobrinhos que são a minha inspiração para me tornar alguém que vai inspirar outras crianças e influenciá-las de modo positivo.

Em todo este processo foram eles os que mais sofreram com a minha ausência, muitas horas em que não conseguimos estar juntos, muitos passeios que ficaram por dar, muitos mimos para os quais não houve tempo.

Não posso esquecer de fazer menção à minha madrinha que faleceu no decorrer do meu processo de formação, mas a quem eu dedico também todo este trabalho. Foi ela a pessoa que me mostrou que sonho comanda a vida.

Agradecimento

Este relatório só foi possível com a colaboração estreita com o externato onde trabalho e onde realizei todas as minhas práticas de ensino supervisionado, na pessoa da diretora D. Amélia. Tenho ainda que agradecer à professora Leonor Alves, a professora cooperante, à professora Sandra, como coordenadora do 1º ciclo e grande apoiante da minha prática e à Vera Félix e Filipa Costa, grandes amigas e, também elas professora na instituição que com o seu carinho e atenção me foram dando força todos os dias. Não posso esquecer duas colegas auxiliares que estão sempre presentes em todos os momentos da minha vida, a Isabel Pires e a Cristina Nunes, por serem, para mim, como família. Dentro da escola não me posso esquecer de agradecer ao grupo de crianças espetaculares com as quais estagiei em três períodos do meu percurso académico.

Nunca poderia esquecer os agradecimentos à família: a minha mãe, que me apoiou todos os dias em casa –é o meu *background*–; ao meu pai, que esteve lá de um modo mais recatado; aos meus irmãos, que me incentivaram e me deram força para continuar; e sobretudo aos meus sobrinhos, que prescindiram muitas vezes da tia.

Agradeço ainda às minhas duas colegas Maria Benedita e Mariana Gomes pelos momentos de diversão que me proporcionaram e por um ou dois (ou mais) trabalhos em que colocaram o meu nome apesar de eu pouco ter feito.

Às professoras Isabel Gerardo e Elisabete Gomes (a quem eu prometi um convite para um dia mais tarde me vir ouvir a contar histórias), o meu obrigada por tudo, sobretudo por me apoiarem e perceberem certas situações que outras não quiseram ver. Ao professor Rui Veloso por inculcar em mim o gosto pela literatura infantil. À professora Margarida Alves Martins e ao professor António Montiel que me ajudaram na construção deste enorme trabalho.

Àqueles que acreditaram em mim, e sempre me disseram que seria possível, e que eu não posso nomear com medo de me esquecer de alguém, o meu enorme obrigado.

Resumo

O presente relatório emerge no âmbito da conclusão do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino 1º CEB no ano letivo de 2017/2018, tendo como principal objetivo dar conta do trabalho desenvolvido ao longo da prática supervisionada, realizada numa instituição privada numa turma de 1º Ano.

O trabalho por mim desenvolvido e demonstrado neste relatório teve como objetivo investigar os benefícios, a nível de vocabulário e de reconto de histórias, num grupo de crianças do 1º Ciclo do ensino básico a partir um programa de leitura dialógica, por mim adaptado para esta faixa etária.

Este tipo de leitura pressupõe uma troca de papéis entre o adulto e a criança no momento do reconto da história e durante o qual o adulto coloca questões à criança levando-a a recontar a história, promovendo assim desenvolvimentos ao nível da linguagem.

Esta investigação foi sendo desenvolvida em diferentes momentos, a leitura da história, o reconto da história e gravação da mesma e a análise e avaliação dos dados recolhidos em tabela e posteriormente mais pormenorizado. Nesta investigação participou uma turma de 16 crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos.

Após a análise dos resultados obtidos, foi notável a evolução da capacidade de recontar histórias, assim como o aumento de vocabulário nas crianças.

Ideias chave: *Leitura dialógica; Leitura de histórias; Reconto de histórias*

Abstract

The present report emerges under the scope of the conclusion of Master degree in Pre-scholar Education and teaching of 1st CEB, in scholarship year of 2017/2018, having as a main objective to give an account of works developed along the supervised practice, held in a private institution and in a 1st year class.

Work developed by myself and demonstrated in this report had, as a goal, to investigate the benefits, in terms of vocabulary and storytelling of a group of children from the 1st Cicle of basic learning, starting with a dialogic reading program, adapted by me for this range of ages.

This type of reading, assumes an exchange of roles between the adult and the children in the moment when story is told and, during which, the adult questions children leading them to re-tell the story, therefore promoting developments in terms of language.

This investigation has been developed in different moments, the reading of the story, the re-telling and recording of the story and the analysis and evaluation of collected data in a spreadsheet, and later in greater detail. In this investigation took part a class of 16 children, with ages between 6 and 7 years.

After analysis of gathered results, it was remarkable the evolution capacity of re-telling stories, as well as the increase in vocabulary, of all children.

Keywords: *Dialogic reading; Storybook reading; Storytelling*

Índices

Introdução	1
Capítulo I. Enquadramento teórico	4
1. Impacto da leitura de histórias	4
2. Princípios orientadores da leitura dialógica e o seu impacto no enriquecimento do vocabulário e na capacidade de recontar histórias	6
3. A arte de contar histórias	8
Capítulo II. Problemática e Opções metodológicas	9
Problemática, objetivos e questões de investigação	9
Participantes.....	9
Metodologia.....	9
Técnicas e instrumentos de investigação	10
Procedimentos	10
Descrição das atividades.....	12
Capítulo III. Análise reflexiva decorrente da prática supervisionada	23
Tabela de análise das sessões de leitura dialógica	24
Domínio do vocabulário:.....	26
Domínio da Iniciativa:	26
Domínio da Participação:.....	26
Domínio do Discurso:	27
Domínio da Ilustração:.....	27
Domínio da Leitura:	27
Domínio da Fidelidade:.....	27
Capítulo IV. Considerações finais.....	29
Referências Bibliográficas	32
Anexos	34
I. Lista de histórias.....	35
II. Resumo das sessões	36

Introdução

Ao longo de cinco meses estagiei num colégio privado no concelho de Oeiras numa turma de 1º Ano do 1º Ciclo do Ensino Básico. Parti para este estágio com intenção de trabalhar o conto de histórias com um grupo que já conhecia e que já sabia que estava habituado a ouvir histórias.

A minha opção de trabalhar histórias com as crianças prende-se com o facto de eu ter vindo a ler vários livros e documentos sobre a importância que estas têm no desenvolvimento da leitura, da escrita, da oralidade e da aquisição de novo vocabulário por parte das crianças. Contudo não posso afirmar que essa seja a única razão que me levou a querer trabalhar esta temática, pois o meu gosto pessoal também pesou nesta escolha. Portanto pensei que aproveitar o 1º ano para desenvolver este trabalho representaria uma mais-valia para o grupo.

Ao passar por lojas como a FNAC, é habitual ver muito mais crianças junto da secção dos computadores e dos telemóveis do que junto aos livros, e mesmo os que lá se encontram na sua maioria está a ver livros associados ao *merchandising* de desenhos animados e séries televisivas, enquanto os pais muito atarefados estão ao telemóvel ou a escolher o último grito da moda em tecnologia. Onde é que fica o tempo para escolher e ler um bom livro, ou para ir à biblioteca municipal, ou ir a uma sessão de conto de histórias? Este tipo de leitura pode ser também executado em casa. É um ótimo modo de passar uma tarde com os filhos, sobrinhos ou netos. Percebo que cada vez mais, o tempo urge e que quando se chega a casa é tudo tão automático que não há sequer vontade para pegar num livro e ler uma história, ou quando há uns minutos para o fazer é feito sem vontade e a despachar porque ainda há um manancial de outras coisas para fazer, mas leitura de histórias deve fazer parte da vida de toda a gente, é - no mundo cheio e apressado em que vivemos – uma porta para um mundo alternativo onde tudo é permitido.

No início dos seminários de acompanhamento de estágio, a professora Margarida Alves Martins propôs que eu utilizasse o modelo de leitura dialógica para poder observar o desenvolvimento do grupo em termos de vocabulário e de apropriação do conto de histórias. Assim fiz e surgiu então o meu tema para o presente Relatório Final de Prática Supervisionada de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Apesar dos programas de leitura dialógica que consultei terem sido todos implantados no pré-escolar, eu resolvi implantar este no 1º CEB por estar ciente de que as histórias nesta etapa, são utilizadas como método de introduzir matéria, ou serem para tapar momentos em que não há nada para fazer, e também por pouco se olhar à qualidade do que é lido. No 1º Ano o que interessa é que a história tenha as letras que foram trabalhadas e por vezes são tão forçadas para fazer jus ao que se está a dar no momento que nem, fazem sentido. Daí eu ter escolhido este tema e ter optado por livros escolhidos criteriosamente pela qualidade do texto e da ilustração - que por fazer também parte do programa de leitura dialógica a observação da e exploração das ilustrações, esta também não pôde ser deixada ao acaso.

Para a concretização deste relatório li quatro histórias ao grupo (na realidade li cinco, mas uma das leituras ficou inviabilizada por falta de tempo da turma) e trabalhei-as em duas sessões cada uma - segundo a metodologia da leitura dialógica. Este é um tipo de leitura que é feito usualmente em salas de pré-escolar, mas que eu adaptei para ser aplicada num contexto de 1º Ciclo, pois era o melhor método de ir ao encontro dos resultados que eu pretendia alcançar com a turma.

O presente relatório está dividido em quatro grandes capítulos. O primeiro é o da revisão de literatura onde eu procuro fundamentar o impacto que a leitura de histórias tem nas crianças e como é que o modelo de leitura dialógica influencia a aprendizagem de novo vocabulário e a capacidade de recontar histórias de modo autónomo, passando pela explicitação do modelo. Para tal apoio-me em alguns autores de referência como Rui Veloso ou Lurdes Mata, entre outros, e na tese de mestrado de Leonor Rato intitulada “Conta-me uma história – programa de leitura dialógica de histórias em crianças em idade pré-escolar”. Neste capítulo apresento ainda uma reflexão sobre a arte de contar histórias e o modo como esta pode influenciar a compreensão da história. Esta reflexão é feita a partir da autora e contadora de histórias Cristina Taquelim, com quem já tive oportunidade de fazer um *workshop*.

No segundo capítulo apresento a problemática central de estudo («Como levar as crianças ao reconto de histórias e à melhoria do seu vocabulário através da leitura dialógica de histórias?») e as opções metodológicas: descrição dos participantes, do trabalho realizado com o grupo e dos procedimentos utilizados para recolher informação e para a análise de resultados.

Já no terceiro capítulo farei a análise de todos os dados recolhidos, assim como da evolução operada nas crianças durante todo este processo. Os dados analisados neste capítulo foram recolhidos no decorrer dos quatro meses de estágio

Por último, no quarto capítulo, faço uma reflexão considerativa de todas as conclusões a que me foi possível chegar com este trabalho.

Faz ainda parte do trabalho, como anexo, a lista de livros utilizados nas sessões e a transcrição das sessões que fiz em torno de cada história com cada um dos grupos, onde é possível recorrer para compreender o trabalho desenvolvido.

Serve o presente relatório para demonstrar como a leitura dialógica de histórias melhorou e amplificou o vocabulário das crianças assim como a sua capacidade de se apropriarem das histórias e as recontarem de um modo fluente e sendo o mais fiel possível ao original.

Capítulo I. Enquadramento teórico

Como já foi referido na introdução, optei por trabalhar a leitura de histórias com as crianças para poder comprovar os seus benefícios para o desenvolvimento da linguagem, da oralidade e da escrita das crianças, assim como o progressivo aumento do nível da aquisição de novo vocabulário.

Neste capítulo interessou focalizar dois assuntos que foram considerados fulcrais para o desenrolar deste relatório: o impacto da leitura de histórias nas crianças e os princípios orientadores da leitura dialógica, nomeadamente no que afeta ao seu impacto no enriquecimento do vocabulário e na capacidade de recontar histórias.

No final do capítulo abordarei ainda a importância do contar e do ouvir histórias suportada pela contadora de histórias Cristina Taquelim, uma mestre na arte do contar histórias com a qual já tive o prazer de ter formação.

1. Impacto da leitura de histórias em crianças

Importância da leitura no desenvolvimento da criança

O impacto da leitura no quotidiano das crianças há muito que vem sendo estudado, neste caso, é Gomes (2007) que nos cita de um trabalho do grupo Peonza – grupo espanhol de mestres e professores que desenvolve atividade em torno das crianças e dos livros que lhes são destinados:

(...) o hábito de ler, na criança, desperta e estimula a imaginação, fomenta e educa a sensibilidade, provoca e orienta a reflexão e cultiva a inteligência.

O enriquecimento do vocabulário e, como consequência, a melhoria da expressão oral e escrita são outros efeitos de um maior domínio da linguagem, produto, por sua vez, da familiarização do jovem leitor com a linguagem cuidada e polida do escritor.

(...) a leitura exige também concentração, relação, reflexão, comparação e previsão; todos estes hábitos intelectuais estimulam a estruturação do pensamento. (página. 4)

Para além disso se hoje pretendemos viver numa sociedade livre e na qual podemos ter poder de decisão, o domínio da leitura, é de extrema importância, pois permite ao indivíduo, a aquisição e a construção dos diversos saberes necessários à vida. Assim o alheamento a este modo de participação social, pode levar à exclusão. (Gomes 2007; Sim-Sim, 2002)

Segundo Veloso (2001) a exposição da criança ao livro e à hora do conto é um fator de grande importância para o seu conhecimento sobre o mundo afetivo e o mundo que o rodeia.

Valor acrescentado da leitura de histórias

Toda a leitura é relevante para o desenvolvimento da motivação face à linguagem escrita e à literacia emergente nas crianças. Assim sendo, a leitura de histórias é uma atividade de grande significado e importância pois proporciona um sem número de interações que irão, de uma forma lúdica facilitar o desenvolvimento antecipado de diversas competências ao nível da motivação para a leitura e escrita. (Mata 2004)

Valor acrescentado da história contada pelo adulto

De acordo com o Plano Nacional de Leitura para o 1º Ciclo, ouvir contar histórias leva a criança a interiorizar um mundo alternativo de enredos, personagens, acontecimentos e resoluções que a levarão ao seu desenvolvimento pessoal e que irão também, contribuir para a construção de estruturas mentais que a ajudarão fácil e rapidamente não só a perceber a história que lê como também o seu quotidiano.

Apoiando-me em Mata (2008 a e b), afirmo ainda que ouvir ler histórias proporcionará à criança a oportunidade de ouvir ler fluentemente, fornecer modelos de leitores envolvidos (ou seja, através dos adultos a criança poderá entender o porquê e o para quê da leitura), alargar experiências utilizando o que se lê como ponto de partida para pesquisas, desenvolver a curiosidade pelos livros, aprender comportamentos de leitor e apoiar o desenvolvimento de conceitos sobre a escrita.

No seu trabalho, Rato (2007), menciona ainda, segundo trabalhos de Trivette e al e de Wells, a importância de ler o mesmo livro repetidamente como veículo influente para a aquisição de linguagem expressiva, de vocabulário relacionado e melhor compreensão, concluindo que a dimensão do vocabulário de uma criança de dez anos e as conquistas escolares da criança estão diretamente relacionadas com os episódios de leitura repetida.

Cuidados a ter para uma promoção eficaz da leitura de histórias

Também a qualidade e variedade das obras escolhidas para ler à criança não deve ser deixada ao acaso, pois esta contribui em grande escala para a formação e construção do adulto em que esta se irá tornar, um adulto que questione, que seja empenhado, interventivo e imaginativo. (Riscado 2001).

Não deixando ainda para trás, o papel que o adulto desempenha na escolha de livros de qualidade para cada faixa etária, esta tem de ser uma escolha consciente e ponderada, atendendo às várias componentes do livro, à ilustração, ao texto, à capa e contracapa e ainda ao tema e ao modo como ele é retratado, sendo que se deve tentar fugir às grandes coleções e a todas as grandes enchentes de livros que são lançados para o mercado. (Riscado 2001; Veloso 2003)

2. Princípios orientadores da leitura dialógica e o seu impacto no enriquecimento do vocabulário e na capacidade de recontar histórias

Para clarificar este conceito baseei a minha leitura no trabalho de Rato (2017), esta autora desenvolveu um trabalho sobre leitura dialógica no pré-escolar. No seu trabalho a autora cita autores como Trivette, Dunst, Whitehurst, Zevenbergen e Epstein.

Trivette e Dunst (2007) – citados por Rato (2017) apresentaram três tipos de leitura partilhada de histórias: a tradicional, a interativa e a dialógica:

- Leitura tradicional: é a leitura de um livro feita por um adulto para uma ou mais crianças sem dar lugar a interações por parte das mesmas.
- Leitura interativa: é a leitura de um livro feita a uma ou mais crianças, mas utilizando técnicas que permitam a interação das mesmas.
- Leitura dialógica: é a leitura de um livro ilustrado a uma ou mais crianças de um modo interativo e partilhado, concebido especialmente para desenvolver as competências de literacia e a linguagem das crianças.

Este tipo de leitura surgiu com um estudo de Whitehurst *et al* (1988) citado por Rato (2017) no qual os autores, durante um mês, realizaram, com um grupo de 29 crianças com idades compreendidas entre os 21 e os 35 meses de idade provenientes da classe média uma intervenção na qual os pais, após receberem formação liam histórias com ilustrações apelativas, às crianças, de forma dialógica enquanto o grupo de controlo lia de forma tradicional. Os resultados deste estudo mostraram que as crianças do grupo de leitura dialógica apresentavam, tanto ao nível da linguagem oral como do reconto de histórias uma grande evolução. Com este primeiro estudo sobre leitura dialógica foi possível concluir que o nível de vocabulário expressivo aumentou, e que aumentou, também, o uso de perguntas abertas, e da repetição e expansão do discurso da criança, e que através destas técnicas

utilizadas de um modo frequente a criança se vem a tornar, gradualmente, contadora de histórias.

A comunicação e o diálogo que a leitura dialógica promove enquadra-se nas características da atual sociedade, na qual existe uma crescente valorização dos mesmos a nível social, desde casa até aos meios mais latos. Este tipo de leitura sustenta-se também na perspectiva Vygotskyana, da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), ou seja, que a criança com a ajuda dos seus pares ou de um adulto, consegue ultrapassar a fronteira do que é capaz de fazer sozinha e tornando-se assim um agente da sua aprendizagem

Com esta leitura há uma promoção da troca de papéis entre a criança e o adulto passando esta a ser o contador de histórias enquanto o adulto se torna no mero ouvinte – embora atento – e questionador. (Trivette & Dunst, 2007; WWC, 2007) – citados por Rato (2017).

Segundo Zevenbergen & Whitehurst citados por Rato (2017), para este tipo de leitura existem técnicas específicas que foram desenvolvidas de acordo com a idade das crianças, 2-3 anos e 4-5 anos.

Este tipo de leitura é operacionalizado por adultos, portanto e, ainda em concordância com os mesmos autores, a leitura dialógica para crianças com 2-3 anos é ensinada ao adulto em duas sessões com um intervalo de duas a três semanas. No decorrer da primeira sessão o adulto toma conhecimento dos sete pontos-chave: fazer perguntas do género *o quê?* colocar questões após a resposta da criança; repetir o que foi dito pela criança; ajudar, sempre que necessário a criança a responder; elogiar e encorajar a criança; seguir os interesses da criança; divertirem-se.

Na segunda sessão o adulto deverá interiorizar 3 pontos-chave: colocar questões abertas; expandir o que é dito pela criança; divertirem-se.

Já na faixa etária dos 4-5 anos – Whitehurst, Epstein *et al.* 1994 (citados por Rato) - o adulto é ensinado no decorrer de apenas uma sessão, que é focada em fazer às crianças questões específicas, avaliar as respostas e expandi-las e fazer com que as crianças repitam.

Muitos são os estudos experimentais que demonstram a eficácia deste método de leitura de histórias no âmbito da melhoria da linguagem – como por exemplo o de Arnold, Lonigan,

Whitehurst e Epstein (citado por Rato 2017) com 64 crianças entre os 24 e os 34 meses de classe média e alta no decorrer de cinco semanas em que lhes foram lidas histórias pelas mães.

Para além destes muitos outros estudos poderiam ser citados, visto que este modelo de leitura tem vindo a ser estudado por muitos cientistas. Os seus benefícios, a nível da aquisição e melhoramento da linguagem, bom como o desenvolvimento da capacidade de fazer o reconto de histórias mais estruturado.

3. A arte de contar histórias

O modo como a história é contada é também muito importante, por isso, e segundo Taquelim (2016) a arte de contar, é uma arte de relação. É tão complexa que colocada ao serviço das políticas de promoção da leitura é um excelente veículo para aprendizagens tão vastas com a consciência fonológica, a antecipação leitora e a construção de esquemas narrativos. O contar e ouvir contar, ainda segundo a mesma autora, são também um espaço e tempo adequados à reflexão sobre as metáforas da vida.

Ouvir contar histórias tem também o benefício de treinar a escuta e a memória, características sem as quais não existe aprendizagem.

O modo como a história é lida e contada e as atividades que são desenvolvidas são, de acordo com Mata (2008 a), essenciais para despertar a curiosidade e para envolver a criança na história.

Capítulo II. Problemática e Opções metodológicas

1. Problemática, objetivos e questões de investigação

O meu estudo parte da questão: Como levar as crianças ao reconto de histórias e à melhoria do seu vocabulário através da leitura dialógica de histórias?

Esta pergunta surge no seguimento do meu estágio, e pretendo com ele que as crianças da sala consigam contar histórias por si próprias e se apropriem do vocabulário mais indicado para o concretizar.

Muitos são os estudos que demonstram a importância das histórias para o desenvolvimento da linguagem da criança como o de Wells que Mata (2008) nos apresenta em que o autor refere que o hábito de ouvir histórias desde tenra idade, ainda antes de as conseguir ler a criança proporciona o desenvolvimento de um “*modelo mais rico do mundo e vocabulário a ele adequado*” para além de proporcionar ainda, uma saída para conversas que estabelecem ligações entre o passado na história e as vivências da própria criança.

2. Participantes

Colaboraram neste estudo os 16 alunos de uma turma de 1º ano do 1º ciclo do ensino básico, com idades compreendidas entre os seis e os sete anos. Seis do sexo feminino e dez do sexo masculino. Esta é uma de duas turmas de um colégio particular em Oeiras, frequentado por famílias de classe social média alta. São uma turma, na sua maioria, que eu já acompanho há alguns anos visto que vêm juntos desde o pré-escolar e eu tive a oportunidade de estagiar com os mesmos nos 3 e nos 5 anos, e sei, portanto, têm o hábito e gosto por ouvir histórias. É uma turma dinâmica, e com muita vontade de descobrir coisas novas que ao serem apresentados ao tipo de trabalho que iria desenvolver adoraram a ideia e colaboraram imenso.

3. Metodologia

Para fazer recolha de informação recorri a um tipo de metodologia de investigação qualitativa. Farei observação direta e participante. No decorrer do estudo irei ler as histórias à turma em grande grupo, e na fase de trabalho em pequenos grupos irei colocar questões e interagir com

as crianças de modo a incentivar o reconto, durante esta fase irei também gravar as sessões e recolher, por escrito, algumas informações que me parecerem pertinentes para o meu estudo.

O meu objetivo não será avaliar quantitativamente os alunos, pretendo avaliar a qualidade do trabalho realizado ao longo do meu estágio e registar a evolução e o processo pelo qual cada uma das crianças atinge os objetivos a que os proponho.

4. Técnicas e instrumentos de investigação

Para recolher informação farei observação participante que ficará gravada em formato áudio – li para as crianças numa primeira fase e numa segunda fase coloquei algumas questões relativas ao que li e mantive uma conversa com elas sobre a história -, e recolhi notas durante as sessões. Depois, no final, fiz um resumo das gravações de cada uma das sessões construí uma tabela com as informações mais relevantes e fiz uma análise detalhada da mesma.

5. Procedimentos

Para a elaboração deste trabalho escolhi 4 livros – Avós, As preocupações do Billy, O dia em que o senhor Bonifácio ficou em casa doente e O homem da lua. Contudo por ter começado a trabalhar o último livro e não ter tido tempo de fazer a primeira sessão com os três grupos – devido a um contratempo relacionado com a aula de Educação Física, optei por selecionar mais um livro: O lanche do senhor verde – a lista de livros utilizados durante as sessões encontra-se anexa ao relatório. Os livros foram criteriosamente escolhidos. O primeiro, por ser uma história com um padrão cumulativo logo ao entrar numa espécie de lengalenga seria mais fácil de recordar e recontar. O segundo livro, por ter uma história mais simples, com frases curtas, desta vez sem padrão, mas com uma ilustração muito forte e bastante real, de modo a conseguirem, recontar a história sem ajuda da repetição. O terceiro, tem já uma história com maior enredo e mais acontecimentos, mantendo ainda a ilustração simples, mas tendo já frases maiores. No caso do quarto livro, a história é um pouco mais complexa, um tipo de ilustração diferente, e um texto com palavras mais complexas. Finalmente o quinto livro, conta-nos uma história um pouco mais abstrata, mas mantém a exigência quanto ao novo vocabulário.

Para este estudo a turma foi dividida em três grupos – dois com 5 elementos cada e um com 6. Os grupos foram feitos em colaboração com a professora titular de sala de modo a que ficassem heterogeneamente formados com alunos participativos, com algumas dificuldades, mais interessados, entre outros critérios.

Cada história foi trabalhada em duas sessões com - uma sessão por semana - totalizando, o estudo, a duração de nove semanas.

Para este estudo foram escolhidos 5 livros (Anexo I) e cada um foi lido em grande grupo apenas uma vez e trabalhado nos três grupos duas vezes em dias diferentes. A escolha destes livros obedeceu a alguns critérios tais como: não serem conhecidos pela turma, serem adaptados à idade, terem diferentes tipos de ilustração, possuírem textos diferentes – uns mais curtos, outros mais complexos, uns com estrutura cumulativa – serem obras de referência em termos de qualidade e introduzirem novo vocabulário

Na primeira sessão de cada história li o texto e mostrei as ilustrações ao grande grupo, fiz referência a alguns pormenores da capa como autor, ilustrador e editora e mostrei as guardas. A leitura foi feita de um modo expressivo e ritmado (por exemplo se havia uma cena que se deveria desenrolar de um modo mais rápido eu imprimia esse ritmo), pausado e reproduzindo os sons que eram sugeridos na história. Ainda no mesmo dia trabalhei com cada um dos grupos tentando que fizessem um reconto estruturado da história, para isso enquanto ia mostrando as páginas do livro coloquei questões do tipo: Quem? O que fez? O que aconteceu? Como é que ele estava? O que observam nestas imagens? As sessões foram gravadas e, tempo, simultaneamente fui tirando notas que me pudessem, posteriormente, ajudar a refletir sobre o processo de aquisição da história e da linguagem que cada um fez. Numa segunda sessão, já na semana posterior, retomei a história, só em grupos, e coloquei questões um pouco menos incisivas, incentivando ao reconto de modo menos inquisitivo. Por exemplo: O que se lembram que aconteceu aqui? Lembram-se de alguma fala das personagens? E então? A Seguir o que é que se passou?

Fiz, em cada uma das sessões, questão de explicar que não estou a dar-lhes notas, de os incentivar e elogiá-los pelo seu trabalho.

No decorrer das sessões dos grupos pequenos, fui sempre ouvindo os comentários que as crianças iam fazendo acrescentando, quando pertinente, alguma informação e dando feedback aos mesmos elogiando-os pelo seu esforço.

Da audição das gravações efetuadas em cada uma das sessões, resultou o resumo que consta dos anexos deste relatório. A partir desses resumos analisei cada um dos grupos em cada uma das sessões segundo os parâmetros que escolhi – vocabulário, iniciativa, participação, discurso, ilustração, leitura e fidelidade.

6. Descrição das atividades

1ª história 1º sessão

Grupo A:

Esta foi uma primeira sessão em que, ao meu ver, o grupo percebeu o que era para fazer. Ainda que ajudados (foi necessário colocar muitas questões), conseguiram falar sobre a história.

Nem todos participaram muito, pois houve apenas três alunos que participaram durante toda a sessão. Foi preciso dizer muitas vezes que o objetivo não era ler a história, pois uma das alunas insistia em lê-la. Houve um aluno que comentou um ou dois pormenores como foi o caso da editora.

Foram capazes de introduzir o discurso direto, como se fossem eles próprios os personagens e estivessem a falar entre eles. Observaram as ilustrações para responder a algumas das minhas perguntas.

Grupo B

Este grupo não tentou ler o texto, mas, por outro lado, apenas respondeu às minhas questões. Tal como havia acontecido no grupo A, só metade das crianças participaram. Foi um grupo que não recorreu às ilustrações para responder às minhas perguntas.

Quando um deles respondia todos os outros repetiam, ou então, quando um começava a dizer uma coisa os restantes iam atrás, estivesse a resposta certa ou errada: pareciam uns autómatos.

Grupo C

Este foi o grupo mais participativo dos três, apesar de, à semelhança dos outros, só metade do grupo de crianças terem falado.

Neste grupo só foi preciso dizer uma vez, no início, que não podiam ler, e eles respeitaram. Notei que observaram muitas vezes as ilustrações. Surpreenderam-me pelo uso de palavras um pouco diferente como a palavra “retoque”. Quando me esqueci de um dos itens na descrição, fui prontamente lembrada por um dos alunos que estava muitíssimo atento. Noutras situações baralharam-se um pouco com a sequência.

Balanco da sessão

No geral, esta primeira sessão correu bastante bem. Cinquenta por cento das crianças foi capaz de responder às minhas perguntas ou, até, de falar um pouco sobre a história, enquanto os outros cinquenta por cento não participou de todo ou apenas de vez em quando, quando foram questionados diretamente.

Sinto que não ler, é para eles, um grande desafio pois eles já o sabem fazer, e não é fácil ignorarem o que lá está. De um modo geral foram capazes de recorrer às ilustrações e de as analisar.

Surgiram alguns comentários, como um ao nome da editora ou, pelo meu esquecimento de um dos itens da sequência, o que demonstrou que os grupos estavam atentos.

1ª história 2º sessão

Grupo A

Nesta sessão notou-se diferença da primeira, provavelmente porque já sabiam o que iria acontecer.

Foram capazes de utilizar o discurso direto como se fossem eles as personagens e estivessem a interagir uns com os outros. Durante o reconto da história, o grupo foi-se completando, acabavam as ideias e as frases uns dos outros.

Uma das alunas tem uma grande dificuldade em se abstrair do texto, diz muitas vezes aos colegas que não podem ler, mas ela própria lê muitas vezes.

Fazem alguma confusão com as comparações que são feitas pelo avô e pela avó, e também com a sequência segundo a qual elas aparecem.

Uma das crianças foi capaz de encontrar a semelhança entre os nomes das personagens frisando mesmo que apenas as difere o género, a mesma criança confunde também palavra picotar e tricotar.

Grupo B

O dinamismo, foi a característica que mais se destacou neste grupo. Não estiveram sempre à espera que lhes fizesse perguntas, iam falando e acrescentando pormenores ao que os colegas iam dizendo. Todo o grupo participou nesta sessão, uns mais, outros menos, mas a participação foi notável.

Baralharam algumas descrições, tanto a descrição em si como a ordem pela qual ela surgia, chegando mesmo a enumerar por exemplo algumas aves para tentarem chegar à comparação que a avó faz das suas próprias pernas.

Notei que algumas crianças já fora, capazes de fazer o reconto mais extenso, sozinhas, sem necessitarem da ajuda das perguntas.

Grupo C

Neste grupo, todos participaram e por vezes chegaram mesmo a tomar a iniciativa de o fazer. Notei que quando um dos colegas estava a ter alguma dificuldade em responder, os restantes davam uma ajuda, completando ou corrigindo-o.

Foram também capazes de utilizar o discurso direto dos personagens. Um dos alunos foi capaz sozinho de recontar uma grande parte da história, sem qualquer intervenção da minha parte, utilizando a palavra bonito/a para o ajudar a dar sentido ao texto.

Balço da sessão e final

Nesta segunda sessão apercebi-me de que as crianças estiveram muito mais participativas e atentas. Algumas já foram capazes de fazer um reconto relativamente extenso.

Não tive de colocar tantas perguntas como na primeira sessão apesar de achar que ainda foi bastante orientado.

Noto que ainda tentaram ler um pouco mais do que deviam, mas tendo em conta que estão agora a começar a ler sozinhos deve ser um pouco difícil não lerem.

Houve ainda alguma confusão com a sequência das descrições, mas mesmo assim menor que na primeira sessão.

No geral, penso que, se calhar, a escolha do livro não foi a mais acertada, por ser um livro bastante grande e com muitas descrições contraditórias feitas por dois personagens diferentes. Foi difícil para o grupo lembrar-se de quem é que dizia o quê e em que sequência é que o faziam. O facto de ser um livro cumulativo foi acertado, mas não deveria ter sido tão grande.

Apesar disso, penso que os grupos trabalharam bem e mostraram ser capazes de recontar uma história.

Em termos de vocabulário, vi que já conseguem diversificar um pouco, arranjando sinónimos e fazendo algumas alterações. Colocaram ainda algumas questões referentes a palavras que não tinham percebido.

2ª história 1º sessão

Grupo A

O reconto desta história foi bastante difícil. Participaram essencialmente dois alunos e os outros participaram muito pouco. Um deles esteve tão distraído que quase não acertou. Tive de colocar muitas questões, ler muitas partes do texto e puxar muito por eles. Quando falavam da história, utilizaram várias vezes “depois”.

Grupo B

Uma das alunas observa atentamente a capa ao ponto de reparar na semelhança entre a moldura e a camisola do protagonista.

Fazem uma troca de comentários a propósito do significado de preocupado e de triste - se são a mesma coisa ou se são diferentes. Deixei-os falar à vontade optando depois por marcar a posição e dizer que o Billy estava preocupado e não triste, pois a história chama-se preocupações do Billy e não tristeza do Billy.

Tentei que usassem as palavras o mais próximo possível do texto, como é o caso da descrição dos pássaros - no livro diz gigantes e não enormes como disseram.

Prestaram atenção às ilustrações, chegando a fazer comentários sobre as mesmas.

Apesar de todos participarem tive necessidade de colocar perguntas diretas, a um ou dois de modo a poder ouvi-los. Os restantes falavam em coro.

Grupo C

Ao analisar a capa apercebo-me de que um dos alunos esteve muito atento à moldura, a ponto de me dizer que esta apresenta formas geométricas.

Mais uma vez, à semelhança das sessões anteriores, uma das alunas quase não participa, fazendo-o apenas uma vez, quando questionada diretamente.

Utilizam o discurso direto, recriando o discurso das personagens.

Por ter colocado muitas questões – senti necessidade de o fazer pois não estavam a ser capazes de falar por eles próprios - não houve oportunidade de haver um discurso fluido, tornou-se muito num exercício de pergunta resposta.

Balanco da sessão

Como primeira sessão deste livro, penso que não correu mal. Houve a necessidade de colocar muitas questões o que impediu a fluência do discurso, com a exceção de duas alunas que foram capazes de recontar alguns episódios sozinhas.

No geral, foram capazes de observar as ilustrações e responder adequadamente.

No que ao vocabulário diz respeito, não houve grande desenvolvimento com exceção para os pássaros, entre grandes enormes e gigantes.

2ª história 2º sessão

Grupo A

Dois dos alunos querem logo começara a falar ainda antes de nos sentarmos. Começam logo a dizer o título e sobre o que é que fala a história, vão-se completando um ao outro. Atrás deles, vai então outro aluno e entre os três dão logo um grande avanço à história sem eu ter ainda aberto o livro.

Durante o reconto da história utilizam, por diversas vezes, o discurso direto.

Um dos alunos apresenta já uma grande capacidade de reconto autónomo, apesar de ainda se apoiar muito no “e depois”.

Grupo B

Deste grupo destacam-se duas alunas, que conseguem recontar algumas partes incluído o discurso direto.

Para a concretização deste reconto tive de recorrer a muitas questões, não houve a oportunidade de ser tão livre e fluido como gostaria porque o grupo não estava a querer participar. Precisaram de um pouco de ajuda o que dificultou o reconto.

Grupo C

Este grupo consegui, tal como na sessão anterior lembrar-se do nome e do autor da história. Lembram-se também do modo como a história está organizada, havendo uma aluna que refere isso no reconto, dizendo ainda que as cores da capa estão associadas à América do Sul, tal como eu havia referido na primeira sessão.

Quando entramos na análise da história há um aluno que pergunta se pode ler. pois é difícil olhar para as páginas sem ler.

Utilizam o discurso direto dos personagens.

Notei que um dos alunos fez a mesma referência, errada – e que já havia sido explicada na sessão anterior. A aluna mais calada, nesta sessão participou um pouco mais.

Balanco da sessão e final

Esta sessão ficou marcada por ter de colocar muitas perguntas – em todos os grupos -, sendo uma segunda sessão, não contava ter de os incentivar tanto e colocar tantas

questões, já esperava uma fluidez diferente. Tirando isso penso que correu bem, estiveram atentos às ilustrações, e aos pequenos pormenores da história.

A meu ver este teria sido um livro bem escolhido para primeiro, pois o texto é mais curto e as ilustrações muito bem definidas. Notei uma evolução no discurso das crianças. Algumas, são já capazes de recontar uma a duas páginas sozinhas chegando mesmo a introduzir o discurso direto.

A nível de vocabulário, este não é um livro com palavras novas, portanto não pude tirar conclusões a propósito.

3ª história 1º sessão

Grupo A

Este grupo não participou todo. Contudo houve dois alunos que se destacaram claramente com uma participação muito boa. Ambos queriam sempre falar e pediram várias vezes a palavra para acrescentar algum pormenor ou para recontar uma parte da história.

Senti alguma dificuldade com o título do texto, não estava à espera por ter acabado de ler o texto. Se se tratasse de uma segunda sessão sem a leitura feita uns minutos antes, eu entenderia, agora assim pareceu-me um pouco falta de concentração. A explicação que encontro é por ser um título bastante grande.

Grupo B

Nesta sessão praticamente todos participaram. A dinâmica deste grupo continua a mesma das outras histórias, um começa a responder e os outros fazem cor e continuam a resposta. Uma das alunas sabia muito bem a história e foi capaz de a recontar quase na totalidade sozinha, chegando mesmo a inventar falas para os personagens.

Quase todos participaram com exceção de uma das alunas que pouco se fez ouvir.

Usaram sinónimos das palavras do texto para fazer o reconto como por exemplo passar a ferro para substituir o engomar.

Grupo C

Esta sessão destacou-se pela participação de três alunos, uma que não participava e que nesta sessão participou, de forma bastante acertada, e outros dois que conseguiram recontar muitas partes da história – sozinhos e corretamente.

Foi uma sessão em que tive de recorrer a muitas perguntas e direcioná-las porque havia alguns alunos que não estavam muito participativos e apenas respondiam quando interrogados diretamente.

Balanço de sessão

Esta foi a primeira sessão desta história, penso que no geral correu bem, com um pequeno reparo para o título da história que representou uma grande dificuldade para todos.

Esta história previa a aprendizagem de novas palavras – engomar - que na sessão seguinte tornará a ser explorada.

3ª história 2º sessão

Grupo A

O grupo mostrou-se muito participativo, nota-se já alguma segurança no que dizem e como dizem. Querem participar em tudo e andar sempre um passo à frente.

Um dos alunos trocou o nome do personagem principal.

No que à palavra engomar diz respeito, apercebi-me que de uma sessão para a outra ainda se conseguem lembrar do seu significado.

Grupo B

Foi muito difícil iniciar a sessão, estavam um pouco desatentos. Depois de superadas as dificuldades com o título foi mais fluido.

Duas alunas estiveram muito participativas e conseguiram recontar por elas excertos do texto. Um terceiro aluno, apesar de estar um pouco mais na brincadeira, também foi capaz de recontar utilizando modelações de voz – como no caso da palavra muito – e sons específicos como imitar um espirro para demonstrar que o senhor Bonifácio estava constipado quando saiu da cama.

Grupo C

Esta sessão ficou marcada pela participação de uma aluna, que até aqui não havia praticamente participado senão quando era questionada diretamente. No dia de hoje até dava saltos na cadeira para poder recontar um pouco da história.

Dois outros alunos se destacaram pela sua participação.

No geral, este foi o grupo mais participativo e que gozou de maior fluidez no reconto.

Balanço da sessão e final

Esta sessão correu bastante bem, era já a segunda vez que trabalhávamos esta história e estavam todos mais ou menos seguros da sequência e dos pormenores da mesma. Apercebi-me que todos os grupos, estiveram um pouco agitados e foi necessário chamar a atenção por diversas vezes o que a meu ver prejudicou um pouco o momento de reconto. No geral, este foi uma história que não apresentou grande dificuldade às crianças. Continha uma única palavra um pouco diferente – engomado – que ficou apreendida, tendo sido já posteriormente utilizada pela turma num conteúdo aprendido em aula.

5ª história 1º sessão

Grupo A

Notei, nesta sessão, uma maior preocupação com as palavras e expressões utilizadas por eles. Queriam ser as mais textuais possíveis, para isso ajudavam-se uns aos outros.

O grupo não esteve tão participativo, como em sessões anteriores, por isso tive muitas vezes de recorrer à leitura de excertos para os conseguir agarrar.

Mais uma vez dois dos alunos destacaram-se pela sua participação e pelas respostas adequadas que davam.

No âmbito do vocabulário, colocaram questões sobre as novas palavras, e foram capazes de explicitar o significado do letreiro.

Grupo B

Tal como no primeiro grupo, esta sessão decorreu com alguma atenção ao vocabulário.

A dinâmica deste grupo manteve-se, sempre que um responde os outros repetem em coro, mesmo que não seja a resposta correta.

Este grupo também foi capaz de explicar o que dizia no letreiro.

Grupo C

Recorri algumas vezes à leitura de excertos, para os contextualizar.

Um dos alunos que nos outros livros esteve muito calado ou a dar respostas diferentes do pedido, esteve muito atento e participativo. Por outro lado, a aluna que havia feito grandes progressos no livro anterior quase não se fez ouvir.

Um dos alunos questionou sobre uma palavra que não compreendia, fazendo uma sugestão para a substituir por outra.

Balanço da sessão

Senti que a turma agarrou muito bem esta história, e que tiveram gosto em trabalhá-la.

Optei por ler algumas partes com um vocabulário um pouco mais complexo para que as mesmas palavras não ficassem esquecidas e fossem referidas.
Senti à vontade da parte da maioria para questionar o que não sabiam.

5ª história 2º sessão

Grupo A

Correu muito bem, mas ao longo da história senti necessidade de ler mais vezes o texto do que esperava para uma segunda sessão de trabalho.

Apercebi-me que um dos alunos observava as ilustrações pois fez um reparo sobre o cão que nunca é referido no texto.

Houve necessidade de pedir que não lessem o texto.

Questionaram o significado da palavra retorno que já havia sido explicado na sessão anterior.

Grupo B

Todo o grupo participou empenhadamente e mantiveram a sua dinâmica de falar em coro e de se ajudar uns aos outros.

A meu ver, penso que li um pouco de mais para uma segunda sessão, mas senti a necessidade de o fazer para os situar no texto.

Não houve questões sobre novas palavras, mas reparei que utilizaram a palavra retorno sem dificuldade e com segurança.

Grupo C

Este foi, de entre os três grupos, o que foi mais autónomo no reconto, e o que demonstrou lembrar-se de mais pormenores.

Não questionaram sobre o novo vocabulário, mas senti dificuldades com a palavra letreiro, que não foram capazes de se lembrar.

Balço da sessão e final

Esta última sessão ficou um pouco aquém das minhas expectativas, sobretudo pela quantidade de vezes que tive de recorrer à leitura de excertos da história.

Contudo no que ao vocabulário diz respeito, percebi, que na sua maioria havia sido apreendido, pois foram capazes de o empregar corretamente.

Esta foi uma história escolhida pela variedade e quantidade de novo vocabulário que dela faz parte e também por ser uma história mais abstrata que as anteriores.
Esperava que nesta fase já fossem muito mais independentes no reconto do que o foram na realidade.

No desenrolar das sessões ao longo das quatro histórias, foram notáveis os progressos alcançados pelos alunos em aspetos que, quando começaram as sessões, não se revelavam capazes

As histórias foram escolhidas em função de um escalonamento de grau de dificuldade e segundo os resultados que esperava obter, o que resultou num avanço gradual do processo de apropriação do conto de histórias e de vocabulário que era o meu objetivo.

Durante as sessões surgiu-me a ideia de fazer, no final, uma sessão individual em que cada um recontaria uma história sozinho. Infelizmente não houve oportunidade para o fazer, por falta de tempo.

Capítulo III. Análise reflexiva decorrente da prática supervisionada

Ao realizar este estudo dei conta que apesar de estar previsto no Programa e Metas Curriculares de Português para o ensino Básico, a leitura de histórias nem sempre é tida em conta, ou nem sempre há tempo para a mesma. Consultando o Programa para o 1º Ano do 1º CEB concretizei que os conteúdos: audição e leitura e compreensão do texto – antecipação de conteúdos e reconto - fazem parte do domínio de iniciação à educação literária.

No decorrer da minha prática senti que fiquei por vezes prejudicada pela alegada falta de tempo para a minha atividade que parecia um pedido de tempo extra quase para uma brincadeira, ou para um tempo morto e não para uma parte do currículo ligado ao Português.

Contudo e apesar de não ter consigo trabalhar uma das histórias que tinha originalmente selecionado e ter trocado por outra que me permitia trabalhar de uma forma semelhante, penso que consegui realizar o que me propunha.

Para analisar os dados que fui retirando e que escolhi por me parecerem ser os mais adequados ao meu estudo, criei a tabela que se segue na qual introduzi a informação correspondente a cada sessão que fiz. Esta tabela encontra-se dividida por histórias, pelas sessões das mesmas, e pelos grupos em que dividi a turma e dela fazem também parte as seguintes categorias:

- Vocabulário – no qual eu registo se utilizam as palavras iguais ou diferentes das da história, se são capazes de utilizar sinónimos ou se questionam novas palavras que surjam.
- Iniciativa – em que o registo incide sobre como se organizam para participar na atividade, se é espontânea, ou se eu tenho de perguntar diretamente, ou ainda se para que participem eu tenho de ler algum excerto do livro.
- Participação – se todo o grupo o grupo participou, ou não.
- Discurso - se o grupo entre si se completou enquanto fazia o reconto, se apresentaram alguma dificuldade em se expressar, ou ainda se durante o reconto utilizaram o discurso direto tal como se fossem as personagens a falar.
- Ilustração – se foi perceptível que observaram a ilustração do livro ou não, ou seja, por exemplo se conseguem adicionar pormenores à história que não estavam presentes no texto, mas que eles inferiram após a observação das ilustrações.

- Leitura – sendo um grupo de 1º ano, e tendo em conta a altura do ano em que foi feito o estudo, já muitos sabem ler, portanto analiso se eles estavam a ler o texto, ou se o tentaram fazer, ou se por outro lado percebo que não leram e apenas falaram da história porque se lembravam.
- Fidelidade – no sentido de que foram capazes de contar a história pela ordem correta, por exemplo no caso da história cumulativa, ou se introduziram novas ideias à história, ou se fizeram comentários pertinentes no decorrer da atividade

Fui registando por meio de cruces consoante aquilo que ia ouvindo das gravações durante o processo de análise por mim realizado.

Tabela de análise das sessões de leitura dialógica

História		1 – Avós						2 – As preocupações do Billy						3– O dia em que o senhor Bonifácio ficou em casa doente						5 – O lanche do senhor verde					
		1ª 12 de abril			2ª 20 de abril			1ª 2 de maio			2ª 9 de maio			1ª 16 de maio			2ª 24 de maio			1ª 6 de junho			2ª 14 de junho		
Grupo		A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
Domínio		A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
Vocabulário	Diferente da história	X					X									X						X	X		X
	Igual ao da história		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X	
	Sinónimo ao da história	X		X			X	X	X	X					X		X	X	X	X	X	X			
	Questionam sobre novas palavras	X			X			X							X	X	X	X			X	X	X	X	
Iniciativa	Pedem para falar	X			X	X	X	X	X		X	X	X	X		X	X		X	X	X	X			
	Falam sem pedir					X		X		X	X			X	X		X	X		X	X			X	X
	Têm de ser questionados diretamente	X	X	X				X	X	X		X	X			X	X					X			
	Existe a necessidade de ler excertos do livro	X		X	X			X							X	X	X			X	X	X	X	X	

História		1 – Avós						2 – As preocupações do Billy						3– O dia em que o senhor Bonifácio ficou em casa doente						5 – O lanche do senhor verde					
Sessão		1ª 12 de abril			2ª 20 de abril			1ª 2 de maio			2ª 9 de maio			1ª 16 de maio			2ª 24 de maio			1ª 6 de junho			2ª 14 de junho		
Domínio Grupo		A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
Participação	Todos participam				X	X			X				X		X	X	X	X	X	X			X	X	X
	Participam 50%	X	X	X	X					X	X	X		X							X	X			
	Participam poucos							X																	
Discurso	Falam normalmente	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Apresentam dificuldade em se expressar				X																				
	Utilizam o discurso direto	X		X	X		X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X		X
	Completam-se uns aos outros				X	X	X	X		X	X		X	X	X	X	X	X		X	X		X	X	X
Ilustração	Recorrem às ilustrações	X		X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	X		X			X	X		X
	Ignoram as ilustrações		X												X		X								
Leitura	Tentam ler o texto	X			X			X		X	X		X	X						X	X		X	X	
	Conseguem abstrair-se do texto escrito		X	X		X	X		X			X			X	X	X	X	X			X			X
Fidelidade	Baralham a sequência dos acontecimentos			X	X	X		X							X	X	X		X						
	Introduzem novas ideias	X				X	X										X								
	Fazem comentários	X		X	X	X	X	X		X	X			X	X		X			X	X	X	X	X	X

1. Domínio do vocabulário:

Registei que na maioria das histórias os grupos utilizaram as palavras presente nos textos. Os grupos A e C optaram, algumas vezes por utilizar palavras ou expressões que não faziam parte das histórias. Na primeira sessão da segunda história, na segunda sessão da terceira história e na primeira sessão da quinta história, foram os momentos em que os grupos mais utilizaram sinónimos das expressões presente nos textos. Quanto a questionar sobre novas palavras, no decorrer das primeiras sessões apenas o grupo A o fez, mas com o avançar do tempo, e chegando ao terceiro e quinto livro já todos colocaram questões sendo a maior incidência de questões colocadas na primeira sessão de cada uma das histórias.

2. Domínio da Iniciativa:

O tipo de trabalho a que me propus presumia que as crianças colaborassem durante os momentos em que estávamos a trabalhar em grupo, era minha intenção que os alunos pedissem a sua vez para falar, colocando o dedo no ar de modo a que não falassem todos ao mesmo tempo, sabendo que haveria momentos em que se iriam completar e que forçosamente iriam falar sem levantar o braço. Maioritariamente, registei que isso aconteceu e que também foram capazes de esperar a sua vez quando colocavam o dedo no ar.

Porém, houve momentos em que a participação não foi espontânea, ou seja, tive de colocar questões diretas a algumas crianças de modo a obter participação. Para além da colocação de questões houve ainda momentos em que a leitura de excertos da história foi importante para que se situassem e conseguissem relembrar-se do momento em que a história estava e a pudessem completar.

3. Domínio da Participação:

O que saltou mais à vista no domínio da participação foi a do grupo A na primeira sessão da segunda história, em que poucos participaram. Provavelmente deveu-se a alguma falta de atenção nesse dia visto que o grupo esteve muito desatento. Na maioria das sessões os todos os grupos tiveram participação entre 50% e 100%. É destacável a terceira história em que apenas o grupo A, na primeira sessão, em que houve alguns elementos que não participaram, ou participaram muito pouco.

4. Domínio do Discurso:

Neste domínio com afirmo que apenas um o grupo A na segunda sessão da primeira história demonstrou alguma dificuldade em se expressar, em todos os outros grupos nas restantes sessões todos os grupos apresentaram um discurso adequado. A terceira história foi aquela em que utilizaram mais o discurso direto das personagens, chegando mesmo, por vezes, a imitar as vozes das mesmas. Finalmente, foram também capazes de completar o discurso uns dos outros, ou seja, um começava a completar a parte da história e sem a minha intervenção outro era capaz de dar continuação.

5. Domínio da Ilustração:

A primeira história foi aquela em que mais atenderam às ilustrações do livro, foram capazes de acrescentar informação que não estava escrita, mas que aparecia retratada nas ilustrações – como certos pormenores. Sessões houve em que ignoraram completamente as ilustrações. Tanto na segunda sessão da segunda história com os grupos B e C, como na primeira sessão da última história com os grupos A e B, não consegui detetar se estavam a ler as ilustrações ou não, durante as sessões não houve indícios que mo indicassem.

6. Domínio da Leitura:

No decorrer das sessões fui verificando que era difícil para os grupos não lerem o que estava escrito nas páginas, era quase um reflexo, pois são crianças do 1º CEB, que na altura em que o estudo foi aplicado já sabiam ler e escrever, contudo registei que em algumas sessões foram capazes de superar o ímpeto de ler – com mais ou menos avisos da minha parte. O grupo A foi o que mais leu o texto, fê-lo em 7 do total de 8 sessões, enquanto que os outros dois grupos conseguiram ambos abstrair-se do texto em 6 das 8 sessões.

7. Domínio da Fidelidade:

No que a este ponto diz respeito, a história número 5 foi a maias comentada provavelmente devido à sua natureza mais alternativa. A primeira história também foi alvo de vários comentários. A primeira e terceira histórias, foram aquelas que deram mais azo à baralhação da sequência dos acontecimentos, visto que em caparação com as outras estas duas eram

as que tinham mais pormenores. Finalmente o grupo B, foi o que introduziu mais novas ideias nas histórias, por exemplo acontecimentos que não fazem parte do enredo.

Finalizando a minha análise da tabela, posso afirmar que o grupo fez progressos, no decorrer de todas as sessões em que trabalhámos juntos. Apercebi-me que houve certos domínios que foram mais trabalhados numa ou noutra história. Esta tabela revelou-se bastante útil para poder organizar toda a informação recolhida para que no fim fosse possível analisá-la mais sistematicamente.

Capítulo IV. Considerações finais

Para a realização deste trabalho elaborei e desenvolvi um projeto de leitura dialógica com o grupo de crianças com quem desenvolvi a minha prática de ensino supervisionado.

A leitura dialógica é um método de leitura orientada realizado com crianças entre os 2 e os 5 anos, ou seja, no decorrer do ensino pré-escolar. Mas, eu, aceitando o desafio da professora Margarida Alves Martins, adaptei esse método de trabalho para crianças de primeiro ciclo com o intuito de poder avaliar o benefício do conto de histórias no domínio da aquisição de vocabulário e de reconto de histórias no grupo. Contudo acabei por avaliar também outros parâmetros, como a leitura de ilustrações ou a tomada de iniciativa para participar.

No capítulo da revisão de literatura abordei temas como a importância da leitura de histórias no desenvolvimento da criança, o método de leitura dialógica e a importância do conto de histórias. Para discorrer sobre estes temas baseei-me fundamentalmente na tese de Leonor Rato e em textos do professor Rui Veloso, de Inês Sim-Sim, Lurdes de Mata, Cristina Taquelim, entre outros.

No segundo capítulo procurei apresentar de forma clara a metodologia que utilizei e os procedimentos pelos quais passei para a obtenção dos resultados. Nomeadamente, procurei especificar os factos observados em cada grupo no decorrer de cada sessão.

Por último, para organização dos resultados, criei no terceiro capítulo uma tabela com os dados recolhidos durante o meu trabalho. Ainda neste capítulo reflito um pouco sobre cada um dos domínios analisados e sobre os resultados obtidos em cada um deles.

Com a realização deste trabalho pude reforçar o que já sabia, que a leitura e reconto de histórias têm um enorme papel no desenvolver de capacidades ligadas à leitura e escrita, e subsequentemente a todas as áreas de desenvolvimento. Com este programa, pude realçar a importância da compreensão do vocabulário, da compreensão da história e o reconto da mesma.

Pude também apreciar o prazer com que o grupo escutava as histórias e se entusiasmava no dia em que lhes lia, perguntavam sempre qual seria a história da semana e quando é que a íamos trabalhar.

Quanto à leitura dialógica e aos resultados que observei nas crianças da sala onde estive a realizar a minha prática supervisionada, estes foram muitos:

- Construções fráscas como: “*Posso uma folha?*” (em vez de: *podes dar-me uma folha?*) foram erradicadas;
- Os alunos começaram a construir um maior número de frases completas e com sentido.
- Do vocabulário das crianças do grupo passaram a fazer parte palavras como *engomado*, ou conceitos como *guardas do livro*.
- Com o passar do tempo, o relato de histórias e conseqüentemente a sua capacidade de relato de factos ocorridos por exemplo durante o recreio, melhorou exponencialmente.
- Expressões insistentemente repetidas de encadeamento de ideias (como «e depois... e depois...») foram muito reduzidas passando então a um discurso mais fluente.

Tive pena de não ter conseguido dar seguimento ao projeto e ter posto cada uma das crianças a recontar uma história para conseguir observar a totalidade das mudanças ocorridas, pois por ser feito em pequenos grupos não pude apreciar individualmente cada um em cada momento da história, mas devido ao final eminente do ano letivo e à preparação da festa final foi-me impossível fazer mais sessões.

Levo deste trabalho uma enorme vontade de continuar a melhorar e implementar este programa na minha vida profissional. O meu objetivo não é fabricar contadores de histórias, o que eu quero é que as crianças voltem a dar importância à língua Portuguesa que parece que vai ficando cada vez mais esquecida e menos cuidada. O que desejo é que os meus futuros alunos ganhem o gosto pela leitura, e que sejam capazes de viajar de cada vez que pegam num livro, que se sintam confiantes e com um bom discurso a contar os seus episódios na escola. Que sintam que um livro é um amigo, uma ferramenta a que podem recorrer. E que utilizem corretamente o vocabulário, que voltem a dar importância a palavras que tendem a desaparecer dos dicionários.

Vejo com muito orgulho algumas destas crianças no recreio sentadas com um livro, a lê-lo, a desfrutar dele, e a ficarem zangadas quando o recreio acaba e têm de o fechar.

Estarei a ser um pouco utópica de mais? Não sei, um dia talvez possa responder a essa pergunta, mas para já, no finalizar da minha formação, pretendo levar para a minha sala de aula muitas e boas histórias e dar aos meus alunos banhos de histórias. Sei que não será fácil devido aos programas e metas muito vastos, mas eu cá hei-de me arranjar.

As crianças de hoje, com toda a podridão do mundo envolvente, necessitam mesmo de histórias que os façam levitar e sonhar com um mundo diferente. Porque tal como dizia uma professora citando Sebastião da Gama: *“Pelo sonho é que vamos!”*, e é nisso que acredito e que pretendo que os meus futuros alunos acreditem.

Referências Bibliográficas

- Aubert, A. (2011). Leitura dialógica: Mais espaços de leitura com mais pessoas. *Comunidades de aprendizagem, 2*
- Gomes, J. (2007). Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura. In *Promoção da leitura: balanço e perspectivas*.
- Mata, L. (2004a). Era uma vez.... *Análise Psicológica, 1* (XXII), 95-108. doi: 10.14417/ap.133
- Mata, L. (2004b). A descoberta da escrita. *Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção –Geral de Inovação e de desenvolvimento curricular
- Mata, L. (2008). Hábitos e práticas de leitura de histórias – Como caracterizar? In A. P. Machado, Machado, L.S. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins & V. Ramalho (Eds.); *Actas da XIII Conferencia Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: APPORT.
- Ministério da Educação. (Sd) *Orientações para actividades de leitura. Programa – está na hora da leitura. 1º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação
- Rato, L. (2017). *Conta-me tu esta história – programa de leitura dialógica de histórias com crianças em idade pré-escolar*. Tese de Mestrado em Psicologia da Educação, ISPA, Lisboa
- Riscado, L. (2001). Curtir literatura infantil no jardim de infância. In *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática. Docente 2*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho
- Sim-Sim, I. (2002). Formar Leitores: A inversão do círculo. In *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática. Docente 3*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho

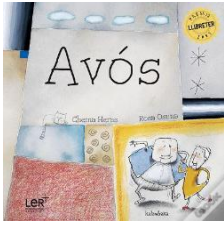
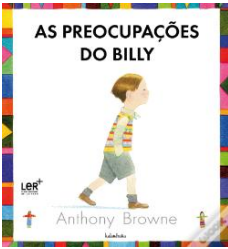



Taquelim, C. (2016). *Contar é a arte da relação*. Retirado de <https://www.abrilabril.pt/cultura/contar-e-arte-da-relacao-0>

Veloso, R. (2001). Curtir literatura infantil no jardim de infância. In *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática. Docente 2*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho

Veloso, R. (2003). Não-receita para escolher um bom livro. In *Palavras Andarilhas*, Beja, fevereiro

Anexos

I. Lista de histórias

Nº da história	Título	Autores	Capa do livro
1	Avós	Chema Heras Rosa Osuma	
2	As preocupações do Billy	Anthony Browne	
3	O dia em que o senhor Bonifácio ficou em casa doente	Philip C. Stead Erin E. Stead	
4	O homem da lua	Tomi Ungerer	
5	O lanche do senhor verde	Javier Sáez Castán	

II. Resumo das sessões

História nº 1

1ª sessão – dia 12 de abril

Grupo A:

Para dar início ao reconto da história, volto a mostrar a capa do livro e pergunto se se lembram do nome da história, dei conta que todas as crianças se lembravam. Quando pergunto e sobre o que é que falava a história, o **T. Monteiro** disse: “o avô falava bem da avó e foram dançar?” e a **C. Jorge** acrescentou: “e a avó percebeu que também tinha todas as coisas que o avô tinha” - revelando já alguma interpretação da história.

- A avó estava triste porque achava que era feia. (**T. Pires**)
- E como é que o avô ajudou a avó? (eu)
- Dizendo que ela era gira. (**C. Jorge**)

Mostrei novamente a capa fazendo referência à autora ilustradora, prémio e editora, o **T. Pires** perante o nome Kalandraca, perguntou se não era portuguesa.

Passei então para o interior do livro e mostrei as guardas e perguntei o que é que viam, o **F. Machado** disse:

- Uma parte está de dia e outra está de noite.
- E o que é que isso tem que ver com a nossa história? (perguntei eu)
- O avô dizia que a avó parecia um sol e a avó dizia que parecia a lua. (**C. Jorge**)

Ao entrar na história perguntei o que é que havia acontecido naquelas primeiras páginas, ao que o **T. Monteiro** respondeu: “eles souberam que ia haver um baile”, perguntei o que é que o avô estava a fazer quando soube que ia haver uma baile e a **C. Jorge** respondeu que se estava a vestir, o **T. Pires** corrigiu e disse que estava a tratar da horta e eu remeto para a ilustração onde se vê o avô sentado no chão a tratar da sua horta.

Ao olhar para a ilustração em que a avó tem umas agulhas na mão o **T. Pires** diz que quando o avô foi contar à avó esta estava a coser, e eu corrijo dizendo que estava a tricotar.

Depois, pergunto o que é que a avó disse depois de ser convidada pelo avô para ir ao baile:

- A avó disse que era bonita? O que é que avó disse?
- No baile? (**T. Monteiro**)
- Não, ainda não estamos no baile. Ainda é a primeira vez que o avô pergunta se a avó quer ir. (eu)
- Disse que era feia (**C. Jorge**)
- Era feia “*como uma galinha sem penas*” – aqui optei por ler o que estava mesmo escrito no livro.

Quando me apercebo que não conseguem responder peço que olhem para as ilustrações. Por vezes optei por perguntas com resposta direta, como, pegou em quê? No lápis, responde o **F. Gabriel**.

- E ela pega no lápis para quê? (eu)
- Para pintar os olhos (**T. Pires**)
- E ela precisava de pintar os olhos? (eu)

Respondem todos em coro:

- Não.
- Posso dizer o que o avô lhe disse? (**T. Monteiro**)
- Diz. (eu)
- A avó voltou a dizer mal de si e o avô disse: não digas isso és bonita como uma flor, ai não era como o sol. (**T. Monteiro**)

Precisaram que colocasse muitas perguntas durante a troca de atributos feita pelos avós, foi preciso algum apoio.

Grupo B:

Comecei pela capa, perguntando o nome da história, e referindo o nome da autora, da ilustradora a editora e o prémio.

De seguida analisei as guardas do livro perguntando o que são e se têm alguma coisa que ver com o livro. O **F. Ribeiro** disse que não. O restante grupo, em coro, disse que tinha.

- O que é que o avô estava a fazer? (pergunto eu)
- Estava a colher legumes. (**M. Gonçalves**)

Chegando à parte em que o avô apanha uma margarida eu perguntei:

- O que é que o avô fez para convencer a avó a ir ao baile? Ele apanhou qualquer coisa...
- Uma flor. (**M. Martins**)
- Uma rosa. (**F. Ribeiro**)
- Uma margarida (**M. Gonçalves**)

Este grupo tem tendência para repetir o que os outros dizem, quando um começa todos os outros vão atrás e repetem o que estão a dizer.

Grupo C:

Perguntei como se chama a história, e todos responderam em coro “Avós”.

Pedi que não lessem o que estava escrito nas páginas e que respondessem apenas o que se lembrassem de ter ouvido.

Mostrei a capa e chamo a atenção para a capa e para as indicações presentes na mesma como nome da autora, ilustradores prémios, editora e as ilustrações, perguntando quem são as pessoas que ali estão representadas, e o que é que estes estão a fazer.

De seguida analiso as guardas do livro perguntando o que é que vêm “o sol e a lua”, e o que é que isso tem que ver com a história ao que o **D. Silva** responde: “porque eles falam que o avô diz à avó que os olhos dela são como a lua e como as estrelas.”

- Como é que começa a nossa História? **T. Mota**, (como não respondeu dei a vez à **F. Penedo** - que respondeu prontamente)

- Começa com o avô estar a jardinar e passar um carro a dizer que vai haver festa com os melhores cantores do mundo.

Faço referência ao momento do dia em que decorre a história.

Pergunto o que é que o avô pergunta à avó, e novamente a **F. Penedo** responde: “*pergunta se ela quer ir à festa*” e a avó, quer ir? “*não, ela disse que não*” diz o **D. Silva**. E o avô o que é que faz? – olhando para a ilustração novamente o **D. Silva** diz “*lembrou-se de quando ela era mais nova*”.

- O que é que o avô fez para a convencer a ir ao baile? O que é que o avô foi apanhar? (pergunto eu)
- Uma margarida. (**F. Penedo**)
- Depois de ter apanhado a margarida ele foi ter com a avó, e o que é fez? Fez um elogio à avó...
- “És tão bonita como o sol” (**F. Martins**)

Pergunto o que é que a avó fez e em coro respondem que sorriu e se foi ver ao espelho, mas que não concordava com avô segundo o **D. Silva** tinha pernas de peru, referência à última comparação que a avó faz dos seus atributos.

Quando refiro a frase *e faz o favor de te despachar que temos de ir dançar*” o **T. Mota** diz: ou bailar, notando-se aqui uma tentativa de variar o vocabulário.

Continuo a perguntar o que é que a avó faz a seguir, como é que é a descrição que faz dos seus atributos, e como é que o avô contrapõe, tentando que se lembrem dos refrões “*não digas isso mulher tu és ...*” e “*E faz o favor de te despachar porque que temos de ir dançar*”. Esta minha insistência prende-se com eu pensar que é mais fácil entrar no ritmo e na cadência da história.

O grupo foi respondendo, recorrendo por vezes à imagem, ou olhando para os gestos que eu fazia - apontava para a parte do corpo correspondente. Por vezes confundiam alguma parte do corpo ou descrição que a avó ou o avô fazia do mesmo, com a de outra parte do corpo.

Quando na parte em que o avô diz todos os atributos da avó, por vezes, também trocavam a ordem.

Por vezes recorro à leitura de um excerto da história.

Quando pergunto o que é que a avó vai fazer com o batom o **D. Silva** diz que ela vai dar um retoque aos lábios – nota-se aqui um vocabulário diferente do da história, um pouco mais rico, visto que esta não é uma palavra que seja muito utilizada nesta faixa etária.

Enquanto recapitulamos tudo o que o avô diz sobre a avó, esquecemo-nos de referir os lábios o **D. Silva** diz: faltam os lábios.

- Pois faltam, o **D. Silva** tem razão (digo eu)

Então repetimos novamente todos os atributos da avó.

História nº 1

2ª sessão – dia 20 de abril

Grupo A:

Começo por perguntar se se lembravam como é que se chamava a história quem era o autor e o ilustrador, qual o nome da editora e se há mais alguma informação que esteja na capa. Respondem em coro o nome do livro, quanto ao nome dos autores o **T. Monteiro** acha que eram “dois nomes estranhos”. Posto isso dou eu as informações.

Abrindo o livro, peço que me contem a história.

A **C. Jorge** começa:

- O avô estava a plantar...
- Apareceu um carro a dizer que havia um ... (**T. Pires**)
- Que havia o quê **F. Gabriel**?
- Baile.
- Havia um baile...(eu)
- Eu sei, eu estava a pensar nisso, só que depois lembrei-me que não era isso e estava confuso. (**T. Pires**)

Um pouco mais à frente o **T. Monteiro** sugere, olhando para a ilustração, que quando o avô vai dizer à avó que há um baile, esta está a fazer um cachecol. O **F. Machado** acrescenta que a avó estava a tricotar e o **T. Pires** pergunta:

- Não era mais picotar?

Eu explico à criança a diferença entre picotar e tricotar.

- E o que é que a avó disse quando o avô foi ter com ela? (eu)
- Disse que já ia (**T. Monteiro**)
- A avó disse já ia? Ao baile? (eu)

- Ah não disse que não ia. (**T. Monteiro**)

A **C. Jorge** diz que, mais uma vez olhando para as ilustrações que o avô estava a imaginar como é que a avó dançava.

- O avô fez alguma coisa para convencer a avó a ir dançar? (eu)
- És tão bonita como... não digas isso mulher! (**F. Machado**)
- Isso ainda não foi aqui. (eu)

Tentei que se lembrassem de alguns pormenores como para onde é que as personagens olham durante a história. Tenho de fazer algumas chamadas de atenção para que não leiam, pois, a **C. Jorge** tem grande tendência para tentar ler o texto.

O **F. Machado**, quando questionado sobre o que é que o avô diz à avó é capaz de dizer textualmente:

- Não digas isso mulher és tão bonita como o sol.
- E o que é que o avô lhe diz mais? (eu)
- E despacha-te que temos de ir dançar (**C. Jorge**)
- A avó pintou os olhos e o avô disse, a avó disse que ia pintar os olhos e depois... (**T. Monteiro**)
- Depois o avô foi lá espreitar e depois a avó disse que ia pintar os olhos. Não. O avô disse “para que é que tens esse lápis? E a avó disse: “para pintar os olhos”. (**T. Pires**)
- E mais? (eu)
- E despacha-te que temos de ir dançar! (**T. Monteiro**)

No geral já foram capazes de dizer as frases “*E faz o favor de te despachar que temos de ir dançar*” e “*não digas isso mulher*”

- A avó foi buscar o pincel para pintar as pestanas (eu)
- E o avô disse: “o que é que estás a fazer?” (**T. Monteiro**)

Confundiram algumas vezes as sequências das descrições, contudo tentaram muitas vezes utilizar o discurso direto tal como é utilizado na história.

- O que é que aconteceu? (eu)
- Foi buscar um creme? (**F. Gabriel**)
- Não foi um creme aqui. (eu)
- Foi buscar uma saia. (**T. Monteiro**)
- Não, aqui não? (eu)
- Não? (**C. Jorge**)
- Foi buscar qualquer coisa para pintar o cabelo (**T. Pires**)

Ao falar da cor do cabelo da avó, eles sabem que está associada a um fenómeno climatérico, então forem por tentativas, começam por tentar as estações do ano, sendo que precisarem mesmo que lhes dissesse que é o nevoeiro.

- Então e agora o que é que acontece aqui? (eu)
- A avó foi buscar uma saia (**F. Machado**)
- E então...(eu)
- O avô disse: “o que é que estás a fazer com essa saia?” “estou a tapar as minhas pernas porque estão magras e como pernas de uma andorinha”. (**T. Monteiro**)
- Uma andorinha não. (eu)
- Uma abelha? (**F. Machado**)
- Como agulhas de fazer renda (eu)

De seguida o (**T. Monteiro**) diz parte da cantilena do avô tal como aparece na história e chega a um ponto que diz que já não se lembra de mais. Depois segue então o **T. Pires** e o **F. Machado** até terminar. Neste momento tento imprimir algum ritmo para que seja mais fácil lembrarem-se dos pormenores.

- Hei! São quase iguais os nomes (Manuel/Manuela) um é masculino e o outro feminino. (**T. Pires**)

Grupo B:

Começo perguntando como é que se chama a história e todos se lembram, respondendo em coro, mas não se lembram de mais nenhuma informação da capa.

Começaram então a contar a história, completando-se uns aos outros:

- O avô estava na horta (**L. Oliveira**)
- E passou uma camioneta (**M. Santos**)
- A dizer que ia haver um baile hoje à noite com os melhores músicos do mundo (**F. Ribeiro**)
- E depois...(eu)
- Depois ele disse à avó, mas a avó já tinha ouvido (**M. Martins**)
- E disse que não podia (**M. Santos**)
- A avó já era velha de mais. (**F. Ribeiro**)

Neste momento notei que se lembravam bem da história e que eram capazes de a recontar com fluidez.

- O senhor disse depois à avó que ela era bonita como o sol (**M. Gonçalves**)
- O avô, não é o senhor! - **F. Ribeiro** corrige a colega

Um pouco mais à frente:

- E o avô disse: “faz o favor de te despachar que temos de ir dançar!” (**M. Santos**)
- E depois? (eu)
- A avó foi buscar um lápis. (**M. Gonçalves**)
- Para pintar as bochechas. (**M. Martins**)
- Para pintar as bochechas? (eu)
- Para pintar a cara? (**L. Oliveira**)
- As pestanas? (**M. Santos**)
- Não (eu)
- Para pintar os olhos. (**M. Gonçalves**)

Houve aqui alguma confusão, baralharam-se.

Quando, um pouco mais à frente querem dizer a fala do avô, o **F. Ribeiro** e a **M. Santos** dizem-na acertadamente:

- E o avô disse: és tão bonita como o sol és bonita como, não! Tens os olhos tristes como as estrelas do céu.
- Estrelas da noite! (**M. Santos**)
- E faz o favor de te despachar que queremos ir dançar – acrescenta o (**M. Martins**)
- E agora o que é que acontece aqui?
- A avó foi buscar um pincel para pintar as pestanas (**M. Gonçalves**)

Já quase no final da história baralharam-se um pouco com a descrição que a avó faz das suas pernas, tentam várias aves (águia, avestruz, andorinha, pássaro) quando na realidade era uma agulha.

Na parte final da história a (**M. Santos**) é capaz de contar tudo o que se passou, para onde é que olham as personagens, o que é que fazem...

Este grupo mostrou um grande domínio de toda a história, com alguns enganos em pequenos pormenores, mas isso deve-se provavelmente a haver demasiadas descrições.

Pude ver que a **M. Gonçalves**, o **F. Ribeiro** e a **M. Santos**, dominaram completamente todo o reconto. Formaram um grupo muito dinâmico, todos queriam participar ao mesmo tempo e corrigiam-se uns aos outros, acabando muitas vezes por falar em coro.

O **F. Ribeiro** sentia muitas vezes a necessidade de justificar as suas respostas dizendo que tinha olhado para as ilustrações.

Grupo C:

Mais uma vez começo por perguntar como se chama a história e se se lembram de alguma informação da capa. Lembram-se apenas do nome.

- O avô foi convidar a avó para ir ao baile dessa noite. (**F. Martins**)

- E depois ele tentou convencê-la. (**D. Freire**)
- E ele fez mais alguma coisa? (eu)
- Ele lembrou-se de quando ela era mais nova e aceitava sempre, mas agora estava a fazer uma birra. (**F. Penedo**)

Um pouco mais à frente o **D. Silva** fala utilizando o discurso direto das personagens:

- O avô disse: o que é que vais fazer com esse lápis? E a avó respondeu: vou pintar os meus olhos que são feios como a chuva e a trovoada.
- Não é bem a chuva e a trovoada...(eu)
- São feios como as estelas da noite. (**F. Martins**)
- Não era bem como as estrelas da noite. (eu)
- Isso era o avô que dizia, tinha os olhos feios como uma noite sem lua. (**F. Penedo**)

História nº 2

1ª sessão – dia 2 de maio

Grupo A:

Relembro que não devem ler o que está escrito apesar de esta história ter um tamanho de letra grande. Pergunto de seguida o nome da história. Ninguém se lembra do nome do autor. Faço alguns reparos sobre a capa do livro, como as cores utilizadas. Ao longo do trabalho com o grupo vou fazendo mais referências ao tipo de ilustração e cores utilizadas.

- Então vamos lá ver do que é que se lembram (eu)
- O Billy preocupava-se com muitas coisas e não conseguia dormir. (**T. Monteiro**)
- Já sabemos que o Billy não conseguia dormir? (eu)
- Não... (**T. Monteiro**)
- O que é que ficamos a saber aqui? (eu)
- Que o Billy estava sempre preocupado (**T. Pires**)

Novamente tenho de chamara a atenção à **C. Jorge** por esta estará a ler

Vou mudando as páginas e as crianças vão, a partir da análise da ilustração, dizendo cada uma das preocupações do protagonista. A **C. Jorge** na página em que nos é dito que o Billy se preocupa com chuva ela sugere, que é com o céu que ele se preocupa.

Quando chega à página do pássaro gigante pergunto com que é que o Billy se preocupava:

- Com pássaros grandes (**F. Gabriel**)
- Grandes? (eu)
- Gigantes (**T. Monteiro**)
- Eia bem! Nunca irá existir! (**T. Pires**)

Um pouco mais à frente pergunto o que se passa naquela página

- O pai tentava ajudar o Billy e disse que aquelas coisas não existem. (**T. Pires**)
- São só... (eu)
- Na imaginação. (**T. Monteiro**)

Virando a página pergunto o que acontece na seguinte:

- Ele depois vai à mãe, e a mãe disse para ele não se preocupar.
- Para não se preocupar porquê? O que é que a mãe fazia? (eu)
- Para ele... que ele... que aquilo não era real (**T. Monteiro**)
- O que é que a mãe lhe disse (eu)
- Que nós nunca deixamos ninguém te atacar (**T. Pires**)
- É mais ou menos isso...(eu)
- Ninguém te magoar (**C. Jorge**)

Tento que eles utilizem as palavras presentes no texto.

Quando pergunto, qual é que era a grande preocupação do Billy, o **T. Monteiro**, fica logo entusiasmado e quer responder, que a grande preocupação era dormir em casa das outras pessoas.

Novamente o **T. Monteiro**, utiliza a expressão ideal, para descrever o que no texto é referido como coisa indicada.

- A avó foi buscar uns bonecos (**F. Machado**)
- E deu-lhe assim só os bonecos? (eu)
- Não eram só uns bonecos, eram os bonecos da preocupação. (**T. Monteiro**)

Quando questiono como é que funcionam os bonecos das preocupações:

- Nós tínhamos de dizer aos bonecos... (**C. Jorge**)
- Ele tinha de contar as preocupações aos bonecos e depois pôr debaixo da almofada para eles ficarem com as preocupações. (**T. Monteiro**)
- E ele contava todas as preocupações ao mesmo boneco? (eu)
- Não. Ele contava uma coisa que ele se preocupava a um e depois a outro. (**T. Monteiro**)

No momento em que é descrito o modo como o Billy dormiu depois da ideia da avó de fazer os bonecos eu tento que eles utilizem as palavras que estão mesmo no livro:

- Como um anjo (**T. Pires**)
- E na segunda noite o que é que lhe aconteceu? (eu)
- Ai, meu Deus! (**C. Jorge**)
- Voltou a usar os bonecos. (**T. Monteiro**)
- Como é que ele dormiu **F. Machado**?

- Como o sol
- Dormiu como sol? O sol dorme?
- Não o sol é uma estrela. (**T. Pires**)
- Então não se lembram?
- Dormiu como uma pedra. (**T. Pires**)
- Eia meu Deus! (**C. Jorge**)

Quando pergunto qual era agora a preocupação do Billy, o **T. Monteiro** diz que eram os trabalhos de casa.

Grupo B:

Início com a pergunta habitual, qual o nome da história, e a **M. Santos** responde prontamente, mas ninguém se lembra do nome do autor, nem da editora. Como fiz com o outro grupo chamo a atenção para a ilustração da capa, e novamente a **M. Santos** me diz que a risca à volta corresponde às cores da camisola do Billy.

Quando passo à primeira página e pergunto o que é que acontecia o **F. Ribeiro** diz que dá para ver logo pela cara da protagonista, o **M. Martins** completa dizendo:

- O Billy estava triste.
- Triste? (eu)
- Preocupado (**M. Gonçalves**)
- É a mesma coisa! (**M. Martins**)
- Não, não é!
- Triste é estares sozinho (**M. Santos**)
- E preocupado é ficares a pensar. (**L. Oliveira**)

Continuamos mais um pouco à volta do assunto, sobre estar triste e preocupado.

Quando viro a página o **F. Ribeiro** diz imediatamente que o Billy tem medo dos chapéus.

Vão respondendo todos em coro quais as preocupações do Billy.

Quando chegamos à parte dos pássaros, também este grupo diz que são grandes e não gigantes como está no texto.

- Grandes? (eu)
- Gigantes (**M. Gonçalves**), e todos repetem.
- E o que é que acontece nesta página? (eu)
- O pai disse que não lhe ia acontecer nada (**L. Oliveira**)
- Porquê? (eu)
- Porque era só imaginação dele (**M. Santos**)
- Então e aqui? – mostrando a outra página (eu)

- A mãe diz igual (**M. Martins**)
- Não. Disse para ele não ter medo porque aquilo não existia. (**M. Santos**)
- Disse que não lhe ia acontecer nada. (**M. Gonçalves**)
- Porquê (eu)
- Porque era a imaginação dele (**F. Ribeiro**)
- Não, isso disse o pai (eu)

Quando estou a mostrar uma das páginas o **F. Ribeiro**, olha para a ilustração e diz:

- Ele tem seis bonecos!

Este grupo participou, na sua maioria, de uma forma espontânea e em coro. Apenas o **M. Martins**, estava um pouco reticente em participar e só o fazia quando lhe colocava perguntas diretamente, não respondendo acertadamente, a algumas delas ou não se lembrando.

O **F. Ribeiro**, que é uma criança que diz que não gosta de ler, nesta sessão mostrou-se muito participava e feliz, com grande vontade a falar sobre a história.

Grupo C:

A **F. Penedo**, lembra-se do nome da história, e o Diogo lembra-se que o autor é o “António” Browne, eu digo-lhe que não é António, mas sim Anthony.

Tenho de pedir ao **D. Freire** que não leia.

Chamo a atenção para a ilustração da capa e pergunto o que é a capa tem à volta e o **F. Martins** responde que tem formas (formas geométricas), o **T. Mota** diz que tem cores, e o **D. Freire** diz que representam os sonhos todos que ele teve. Quando pergunto se não conseguem ver as formas e as cores noutro lado o **T. Mota** diz:

- A camisola dele tem formas e cores.
- O padrão é igual ao da camisola do Billy. (eu)

Pergunto o que é que eles acham das cores das guardas do livro, e o **D. Silva** diz que parecem reais.

Pergunto à **M. Cochicho** o que é que acontece na primeira página, mas ela não responde, depois pergunto quem é a personagem que lá se encontra, mas ela também não responde. Deixo o **D. Freire** responder. Depois torno à **M. Cochicho**, e pergunto como é que o Billy se sente, ela continua sem responder. O **F. Martins** diz que ele tem muitas preocupações. Já desesperada para a fazer falar pergunto:

- Se o Billy tem muitas preocupações ele sente-se...
- Preocupado (**M. Cochicho**)

Este grupo ao contrário dos outros disse logo, pela voz da **F. Penedo** que o Billy se preocupava com pássaros gigantes.

Pergunto então o que é que o pai do protagonista lhe diz:

- O pai diz para ele não ficar preocupado... Ele está a tentar ajudar só que ele continua assustado. (**D. Silva**)
- E porque é que o pai diz para ele não se preocupar? (eu)
- Porque o que ele pensa não existe (**D. Freire**)
- Então o que ele pensa...(eu)
- O que o pai diz não existe as coisas, os sonhos. (**D. Silva**)
- Então se não existem, é tudo... (eu)
- Imaginação (**F. Martins**)

Volto a insistir com a **M. Cochicho** e desta vez ela responde quase de seguida.

Da primeira vez que os bonecos das preocupações surgem na história o **T. Mota** chama-lhes anões.

A **M. Gonçalves**:

- A avó disse: estes são os bonecos das preocupações, conta-lhes as tuas preocupações e vais dormir bem.

Neste grupo tive a necessidade de colocar muitas questões, não houve um discurso muito fluido.

2ª sessão – dia 9 de maio

Grupo A:

Ainda sem perguntar nada já o **T. Pires** me está a dizer o nome da história.

- É um bocadinho difícil não ler, com letras tão grandes! (**T. Pires**)
- E alguém me sabe dizer, antes de começar, de que é que fala esta história? (eu)
- O Billy estava cheio de preocupações com coisas, com muitas coisas. (**T. Monteiro**)
- E a história é só isso? (eu)
- Não. E o que ele gostava menos era ir dormir a casa de outras pessoas. (**T. Monteiro**)
- E também imaginava com chapéus (**F. Machado**)
- O que é que queres dizer com isso? (eu)
- Tinha preocupações com chapéus. (**F. Machado**)
- E lembram-se de mais alguma preocupação do Billy? (eu)
- E com aves grandes. (**F. Machado**)
- E com sapatos. (**T. Monteiro**)
- E com chuva? (**T. Pires**)
- Com nuvens (**T. Monteiro**)
- Com pássaros enormes. (**F. Gabriel**)

- Eu já tinha dito isso. (**F. Machado**)

Não estava à espera que me falassem já em todas estas reocupações, apenas queria que me dessem uma ideia geral da história. Mas como estavam a manter um diálogo correto deixei. Depois disso falei um pouco sobre as restantes indicações da capa, para entrar de seguida no livro, propriamente dito.

O **T. Monteiro** começa logo a debitar todos os medos do Billy, chegando a uma altura em que eu lhe peço para parar para dar a vez aos outros.

- Os pais dele tentavam sempre ajudar. (**T. Pires**)
- E havia diferença entre a ajuda da mãe e a ajuda do pai? (eu)
- Sim – em coro
- O quê? o que é que dizia o pai? (eu)
- Só me lembro da mãe. (**T. Monteiro**)
- E então o que ela disse? (eu)
- Que nunca deixava ninguém fazer mal. (**T. Monteiro**)
- E o pai? (eu)
- “*Não penses nisso isso é só na tua imaginação!*” (**T. Monteiro**)
- A seguir ele foi dormir a casa da avó. (**C. Jorge**)
- E essa era a preocupação pior dele. (**F. Machado**)

Apresentando já uma ótima capacidade para recontar a história, apesar de ainda utilizar muitas vezes “e depois” o **T. Monteiro** disse:

- Ele não estava a dormir bem e, depois foi ter com a avó e depois a avó lembrou-se que também tinha essas preocupações e depois disse para ele esperar e foi buscar os bonecos das preocupações.
- Muito bem **T. Monteiro** lembras-te de muita coisa.
- Se calhar é porque sou cabeçudo, assim se calhar tenho um cérebro maior!

Tanto o **T. Monteiro**, como o **T. Pires**, se lembram de grande parte da história, e conseguem fazer o reconto de algumas partes. O **F. Machado** também se lembra de alguns pormenores.

Grupo B:

A **L. Oliveira** responde logo qual o título do livro, mas nenhum deles se lembra do autor ou da editora.

- Conseguem já dizer-me alguma coisa sobre o livro? (eu)
- O menino tem as cores da camisola iguais às do livro (**L. Oliveira**)
- E sobre a história alguém consegue dizer-me mais alguma coisa antes de eu começar a mostrar as páginas? (eu)

- A história é bonita? (**L. Oliveira**)
- O Billy tinha muitas preocupações com chapéus e com sapatos. (**M. Santos**)
- E com a chuva. (**M. Martins**)
- E com os pássaros (**M. Santos**)

Chegando à parte dos pássaros a **M. Santos** diz que eles são gigantes, tal como está no texto e não grandes ou enormes como é referido por outros.

- O pai tentava ajudar. (**M. Martins**)
- Como? (eu)
- O pai disse: “isso é só sonhos!” (**M. Santos**)
- Não era bem sonhos...(eu)
- Pesadelos, imaginação (**F. Ribeiro**)
- E a mãe? Ajudava? (eu)
- Disse o mesmo (**M. Martins**)

O **M. Martins**, tal como na sessão anterior diz que a mãe e o pai diziam o mesmo.

Este grupo necessitou de muito apoio com perguntas, tive de fazer mais do que queria para incentivar o reconto pois estava difícil contarem por eles próprios.

O **F. Ribeiro**, quando diz como é que o Billy dormiu na segunda noite utiliza a palavra rocha em vez de pedra.

Grupo C:

Lembram-se do nome do livro, e com uma pequena ajuda também chegam ao nome do autor. Pergunto se alguém se lembra da história antes de começar a ver página a página, e o **F. Martins** diz que quando eu mudava de página viam-se as preocupações do Billy.

- E tem as cores típicas do país onde há os bonecos das preocupações. (**F. Penedo**)
- E da história, mesmo, lembram-se de alguma coisa? (eu)
- A sua maior preocupação é dormir em casa dos outros (**T. Mota**)
- Ele tinha medo de sapatos e de chapéus (**D. Silva**)
- E de pássaros grandes (**F. Martins**)

Quando entro na história o **T. Mota** pergunta se não pode ler, ao que eu respondo que não. Então ele volta e diz que não consegue olhar sem ler.

Quando passo a página dos pássaros eles já utilizam a palavra gigantes.

Quando aparece o pai e a mãe, o **D. Silva**, diz que o protagonista não tem medo do pai nem da mãe.

- Eles dizem para ele não ter medo. (**F. Penedo**)
- “Porque nós estamos aqui para ajudar” (**D. Silva**)

- Mas porque é que o pai diz que ele não precisa de se preocupar? Os medos dele são... (eu)
- Invisíveis (**D. Freire**)
- Da imaginação (**F. Penedo**)
- E o que é que a mãe lhe diz? (eu)
- Igual (**D. Silva**)

Um pouco mais à frente:

- Depois ele foi dormir a casa da sua avó. (**T. Mota**)
- E o que é que aconteceu em casa da avó, M. Cochicho? (eu)
- Ficou com medo.

O **D. Silva** conta o que se passou em casa da avó:

- O Billy foi contar à avó, que estava preocupado e a avó deu-lhe bonecos para ele contar cada uma das suas preocupações.
- Ele dormiu bem a primeira noite (**F. Penedo**)
- Como o quê? (eu)
- Como um anjo (**F. Penedo**)
- A segunda foi como um sol (**T. Mota**) – referência igual à da semana anterior
- Um sol? (eu)
- Não, uma pedra (**T. Mota**)

O **F. Martins** e o **D. Silva** ajudaram o **T. Mota** na articulação de algumas palavras, tal como preocupação.

Tive que fazer bastantes perguntas, apercebi-me que estavam um pouco distraídos. A **M. Cochicho** hoje já participou mais que nas sessões anteriores, apesar de ter de lhe perguntar diretamente.

História nº 3

1ª sessão – dia 16 de maio

Grupo A:

Ainda antes de começarmos a trabalhar, o **T. Monteiro** disse que o senhor parecia muito velho e o **T. Pires** questionou como é que ele ainda trabalhava.

Não foi fácil acertar com o título da história. Fizeram várias tentativas. Entre todos foram tentando organizar o título.

- O dia... (**C. Jorge**)
- A primeira vez... (**T. Pires**)
- O senhor Boni... (**F. Machado**)

- Ah! O dia em que o senhor Bonifácio ficou em casa doente! (**T. Pires**)
- Boa, muito bem (eu)
- Boa **T. Pires!** (**C. Jorge**)
- Tu deste uma ajuda (**T. Pires**)
- Então e os ilustradores? (**T. Monteiro**)

Um pouco mais adiante, dou início ao reconto da história. O **T. Monteiro** quer logo responder:

- O senhor Bonifácio, quando acordou saltou da cama e depois foi tirar a roupa.
- O senhor Bonifácio acordou com o quê? (eu)
- Com o pijama? (**T. Pires**)
- Sim se estava a levantar era normal que estivesse de pijama, mas o que é que o fez acordar? (eu)
- Com o despertador? (**T. Pires**)
- Acordou com o despertador, saiu da cama e depois? (eu)
- Foi-se vestir (**F. Machado**)
- Antes? O que é que ele fez?

E eles continuam a enumerar a rotina do senhor Bonifácio, por vezes com alguns recuos, mas tomando atenção às ilustrações.

Surge a palavra engomado e eu pergunto se sabem o que é. Ninguém me sabe responder e eu explico o que é e de onde vem a palavra.

Outra informação que lhes explico é o facto de a personagem dar corda aos relógios quando acorda.

Esta história tem alguns pormenores e então eu tento que se lembrem dos mesmos, como por exemplo o que o senhor Bonifácio diz ao açucareiro.

Quando o senhor Bonifácio vai apanhar o autocarro o **T. Monteiro** diz:

- Ele chegou mesmo à hora! Já se ia atrasando.
- E porque é que dizes isso?
- Porque o autocarro... (**T. Monteiro**)
- Quando ele chegou já estava lá. (**T. Pires**)
- Já estava quase a sair. E ainda bem que ele chegou mesmo à hora se não...

Esta é uma referência ao texto que diz: “seis horas, mesmo a tempo – diz o senhor Bonifácio”

Quando pergunto o que é que ele fazia com cada um dos animais, eles são capazes de dizer. Houve situações em que tive de fazer algumas perguntas mais diretas para os levar ao reconto da história.

Ao chegar à parte da história em que o senhor Bonifácio acorda doente, o **T. Monteiro** diz:

- O senhor Bonifácio saiu da cama, e espirrou, e ele estava constipado e depois decidiu que hoje não ia ao jardim zoológico.

Leio então o que está escrito e pergunto o que é que o personagem disse:

- Eu acho que hoje não vou ao trabalho! (**T. Pires**)

O reconto continua até chegar ao elefante que estava a preparar o jogo de xadrez, e o **F. Machado** pergunta se não eram damas em vez de xadrez.

Tive de fazer uma observação a propósito de não ser para ler a história.

Como quando é a vez do senhor Bonifácio estar doente, o que cada um fazia se inverte, eu fiz questão de fazer esse paralelismo.

O **F. Machado**, esteve bastante distraído, não me parece que tenha tomado muita atenção à história que contei.

Grupo B:

Perguntei, como em todas as sessões, como é que se chamava a história. Começam por: Um dia... E eu digo que não é “Um dia”, mas sim “O dia”. Têm dificuldade em dizer o nome do protagonista. Mas depois de um bocadinho conseguem chegar ao título do livro. A **M. Santos** lembra-se que um dos autores é Philip.

- O senhor Bonifácio era o quê? (eu)
- Um humano (**M. Santos**)
- Sim, mas, ele acordava todos os dias muito cedo, era o quê? Um ma....(eu)
- Manifo? (**L. Oliveira**)
- Madrugador (eu)

A seguir, falamos sobre o que é que o senhor Bonifácio veste depois de acordar:

- E depois ia vestir a sua farda (**M. Santos**)
- E como é que estava a sua farda? (eu)
- Estava bem dobrada. (**L. Oliveira**)
- Impecavelmente...(eu)
- Passada (**L. Oliveira**)
- En... (eu)
- Engomada (**L. Oliveira**)
- Vocês sabem o que é engomada? (eu)
- É estar bem dobrada (**L. Oliveira**)
- É quando está toda bem dobrada (**M. Santos**)

Explico, então o significado de engomado.

De seguida explico o porquê de se dar corda ao relógio.

Quando chega aos animais o **F. Ribeiro** diz que o protagonista joga às damas com o elefante, e a **M. Santos** corrige logo dizendo que é xadrez. Continuam a descrição do que é que cada animal faz com o senhor Bonifácio. Depois, quando eu viro a página, a **M. Santos** diz:

- Quando ele acordou, no dia seguinte disse: “Eu hoje estou muito doente e não posso ir trabalhar”
- Não, quando ele acordou: Atchim! (**F. Ribeiro**)

Nesta altura li um pouco da história.

Ao falar sobre o que o elefante estava a fazer sozinho o **M. Martins**, que adora futebol, disse que ele estava a preparar o campo e não o tabuleiro ou o jogo.

Quando digo que não é o jogo a **M. Santos** diz o tabuleiro.

Em vez de coruja, a **L. Oliveira**, fala em mocho.

A **M. Santos** diz:

- Foram até casa do senhor Bonifácio e ele diz:” Grande surpresa! Os meus amigos vieram cá a casa!” – muito semelhante ao texto.

E continua inventando falas para os animais:

- E o elefante disse: “queres jogar xadrez comigo?”
- E a tartaruga disse: “queres fazer corridas?”

Quando a **M. Santos** descreve o **jogo** das escondidas diz que a tartaruga se escondeu debaixo da carapaça e a (**L. Oliveira**) corrigiu dizendo:

- Dentro, ela escondeu-se dentro da carapaça.

Observaram as ilustrações sobretudo na parte do lanche.

Grupo C:

Mais uma vez o nome da história não é fácil, demoram um pouco menos tempo que os outros grupos, mas continua sem ser imediato. Não se lembram de mais nenhuma informação da capa.

A **F. Penedo** começa então a recontar a história:

- De manhã, o senhor Bonifácio salta da cama.
- Porquê? O senhor Bonifácio era o quê? (eu)
- Um senhor que trabalhava no jardim zoológico. (**D. Silva**)
- Sim, mas era o quê? Acordava sempre de madrugada, era o quê? (eu)
- Um madrugador (**F. Martins**)

Tive a necessidade de direcionar questões para tentar que alguns alunos participassem.

O grupo demonstrou alguma dificuldade em dizer a sequência pela qual decorrem os acontecimentos matinais.

Explico, tal como fiz com os outros grupos, o significado de engomar

Alguns alunos baralham-se muito com os pormenores da história - tais como pôr açúcar na sopa em vez de ser nas papas de aveia.

Coloquei muitas perguntas, quase sempre direccionadas a alguma das crianças.

Houve muita confusão quando perguntei em que momento do dia é que o senhor Bonifácio contava histórias à coruja – no livro diz “ao pôr do sol” e o grupo respondeu de manhã, à hora de almoço, à noite...

- A tartaruga estava a fazer flexões (**M. Cochicho**) – a frase maior que disse, no decorrer do conjunto de sessões.
- Não são flexões, são... (eu)
- Alongamentos (**F. Penedo**)

A **M. Cochicho**, participou muito mais nesta sessão do que em qualquer uma das outras, ainda tive que lhe dirigir perguntas diretamente, mas hoje já respondeu e com um tom de voz audível.

- O senhor Bonifácio estava muito cansado para fazer corridas e a tartaruga disse:” não faz mal vamos jogar às escondidas”. (**F. Penedo**)
- E como é que eles jogaram às escondidas **F. Martins?** (eu)
- A tartaruga escondeu-se dentro da carapaça e o senhor Bonifácio debaixo dos cobertores.

2ª sessão – dia 24 de maio

Grupo A:

Desta vez lembram-se quase imediatamente do nome da história. Esqueço-me de perguntar os autores e o **T. Monteiro** pergunta:

- Então e os autores?
- Eu sei, eu sei! É o Anthony Browne! (**T. Pires**)
- Não, esta história não é do Anthony Browne. Esse era o autor de: As preocupações Billy. (eu)
- Ah pois! (**T. Pires**)

Relembro o nome dos autores e pergunto se alguém quer começar a recontar a história.

O **T. Monteiro** começa:

- O senhor Bonifácio quando acordou saltou da cama e depois foi lavar os... e depois foi... vestir-se. (**T. Monteiro**)

- O senhor Bonifácio acordou muito cedo, e quando acordou foi vestir-se. (**T. Pires**)
- O senhor Bonifácio acordou, saltou da cama e foi vestir-se. (**C. Jorge**)
- O senhor Bonifácio saltou da cama, foi tomar banho foi tomar o pequeno almoço... (**F. Gabriel**)
- Agora já me lembrei! Saltou da cama, foi tomar banho, foi-se vestir... (**C. Jorge**)
- Foi vestir o quê? (eu)
- O seu fato (**T. Monteiro**)
- Como é que era o fato?
- Verde? (**T. Monteiro**)
- Especial? (**F. Machado**)
- Como é que estava o fato? (eu)
- Engomado (**T. Pires**)

Perguntei se se lembravam do significado da palavra engomado, e o **T. Pires**, foi capaz de dizer corretamente.

Olhando para a imagem – porque não está escrito no texto o **T. Monteiro**, diz:

- O senhor Bonifácio, foi buscar o seu chapéu e a sua mala e saiu de casa.

Quando o **T. Monteiro** tenta recontar uma parte, um pouco mais adiante, surge-lhe uma dúvida:

- Quando o maquinista... Eu não sei como é que se chama o senhor que conduz os autocarros.
- O condutor do autocarro (eu)
- Quando o condutor do autocarro lhe disse que era a paragem para ir para o jardim zoológico. (**T. Monteiro**)

Durante esta sessão estiveram todos muito entusiasmados para responder e até saltavam na cadeira para serem os primeiros a responder.

O **F. Machado**, chama ao protagonista, senhor Unifácio.

Tanto o **T. Pires** como o **T. Monteiro**, se lembram de grande parte da história, inclusivamente chegam a lembrar-se de certos momentos passados na sessão anterior, como o **F. Machado** dizer jogo de damas em vez de xadrez.

Utilizam o discurso direto algumas vezes como por exemplo:

- O senhor Bonifácio abriu a porta e disse: “os meus amigos vieram visitar-me!” (**T. Pires**)

Utilizaram muitas vezes e depois... e depois.

Grupo B:

- É o senhor Bonifácio a saltar da cama para tomar um duche. (**F. Martins**)
- E ir-se vestir (**D. Freire**)
- Todas as manhãs, ele acorda aquela hora e depois veste o seu fato engomado. (**D. Silva**)
- E antes de dizer que ele salta da cama, diz que ele é madrugador. (**F. Penedo**)

Um pouco mais à frente, a **M. Cochicho**, que só na última sessão começou a participar, quando lhe direcionava questões, começa a colocar o dedo no ar para participar:

- Ele foi para a paragem do autocarro 5 e depois o...
- Foi no autocarro até ao jardim zoológico. (**F. Marins**)
- Ele estava a olhar para o relógio a ver que horas são (**D. Silva**)
- Ele entrou no jardim zoológico... (**T. Mota**)
- E diz: “Ufa cheguei a tempo!” (**F. Penedo**)

Um pouco mais à frente, quando os animais chegam a casa do protagonista o **D. Silva** diz:

- E o senhor Bonifácio disse: “Que alegria, os meus amigos estão aqui para me ver, visitar!”

História nº 5

1ª sessão – dia 6 de junho

Grupo A:

O **T. Monteiro**, começa logo a dizer o título a história, ainda antes de eu dar início à sessão.

Pergunto como são as guardas do livro e dizem-me que são verdes:

- Tudo é verde neste livro. (eu)
- Quase... (**T. Pires**)
- Alguns senhores não são verdes. (**T. Monteiro**)
- Só um! (**C. Jorge**)

Ao chegar ao momento em que entra o Senhor Púrpura, o **T. Pires** diz:

- Só que o Senhor Rosa...
- Não! (**T. Monteiro**)
- Como é que era? Qual é que era o nome do senhor? (eu)
- Senhor Lula? (**T. Pires**)
- Púrpura! (eu)

Seguiu-se alguma confusão, e eu expliquei o que queria dizer Púrpura.

Um pouco mais à frente:

- O senhor preto foi o último a ser conhecido (**T. Monteiro**)
- Apresentado! (**T. Pires**)

- Foi o último a apresentar-se quer diz, que foi o último a chegar. (eu)

O **T. Monteiro** tomou muitas vezes a iniciativa, sempre que conseguia contava o que se passava a seguir.

Houve alguns momentos, em que recorri à leitura do texto para ajudar em certos aspetos, mas tive também, de pedir por diversas vezes que não lessem eles o texto.

Um pouco mais à frente pergunto porque é que o senhor preto não tinha acendido a lanterna.

- Porque ele é preto (**T. Monteiro**)
- Porque vive num mundo todo preto e consegue orientar-se na escuridão. (**F. Machado**)

Na parte em que surge o letreiro, o **T. Pires** diz:

- Ainda bem que estava em latim...
- Porquê? (eu)
- Para eles poderem ler. (**T. Pires**)
- E o que é que dizia o letreiro? – leio o que está escrito no livro – o que será que queria dizer? (eu)
- O que é que quer dizer retorno? (**T. Pires**)
- Quer dizer regresso. Uma viagem sem regresso (eu)
- Ah! Que já não havia mais para continuar. (**T. Monteiro**)
- Se eles entrassem, eles não iam sair mais. (**C. Jorge**)

Volto a dizer o que está escrito no letreiro com um vocabulário mais acessível e explico o seu significado.

- Se eles forem para lá já não podem voltar. (**T. Monteiro**)

Quando as personagens passam a porta o **T. Monteiro** faz um som de expectativa:

- Tan-Tan-Tan-Tan! Eles ficaram espantados com o que viram.

Grupo B:

O **F. Ribeiro**, começa logo por dizer o título, “É o Senhor Verde” e, rapidamente a **L. Oliveira**:

- Não é o Senhor Verde.
- É o Lanche do Senhor Verde. (**M. Martins**)
- Como a história é O lanche do Senhor Verde, o livro é todo verde. (**L. Oliveira**)

Houve a necessidade de referir que não era para ler, pois a **M. Santos**, começou logo a ler na primeira página.

Um pouco mais à frente...

- O Senhor Roxo... (**F. Ribeiro**)
- Era Roxo? (eu)
- Rosa (**M. Martins**)
- Púrpura (**M. Gonçalves**)

A Dinâmica de falarem em coro mantém-se.

Recorri diversas vezes à leitura de alguns excertos para contextualizar.

- O que é que eles atravessaram? (eu)
- Um corredor gigante (**L. Oliveira**)
- Um corredor longo (eu)

Quando um pouco mais à frente falo do letreiro que o Senhor Verde mostrou aos seus convidados:

- O que é um letreiro? (**M. Gonçalves**)
- É uma espécie de cartaz. (eu)

Tal como havia feito com o primeiro grupo, li uma primeira vez o aviso, tal como está escrito e uma segunda vez com um vocabulário um pouco mais acessível e por fim pedi que me explicassem o que é que compreendiam.

Grupo C:

O **D. Silva**, diz que a história se chama o lanche do homem Verde, em vez de senhor Verde.

Quando dou início ao reconto da história, a **F. Penedo** diz:

- O senhor Verde disse para si mesmo que está atrasado para o lanche.
- O senhor Verde? (eu)
- Ai, não! O senhor Amarelo. (**F. Penedo**)

(...)

- E depois o senhor Purpura (**D. Silva**)
- Púrpura (eu)

Quando pergunto onde é que o senhor Verde levou os seus convidados obtenho múltiplas respostas:

- Á sua casa (**F. Martins**)
- Sim, mas onde na sua casa **F. Penedo**? (eu)
- A um palácio.
- Onde **D. Silva**?
- À cave?
- Ao corredor (**T. Mota**)
- Antes de os levar ao corredor, levou-os ao.... salão. (eu)

Recorri por diversas vezes à leitura de excertos da história.

Para a leitura do letreiro, fiz como já havia feito com os grupos anteriores, li-o primeiro tal como está no livro e depois de um modo mais simples. Da primeira leitura surgiu o seguinte comentário/questão do **D. Silva**:

- É que quando tu disseste velão (em vez de vê-la-ão – como eu li) pensei...
- Vê-la-ão (eu)
- Que não sei o que é que quer dizer (**D. Silva**)
- Hão-de ver, vão ver no futuro. (eu)
- Eu pensava que era verão (**D. Silva**)
- Também poderia ser (eu)

De seguida perguntei o que é que queria dizer o que estava escrito.

- É que havia uma coisa muito gira, com muito mais cores do que estes homens. (**T. Mota**)
- E o que é que poderia acontecer se eles vissem uma coisa muito mais gira? (eu)
- Podiam lanchar – uma alusão ao que acontece em seguida.

2ª sessão – dia 14 de junho

Grupo A:

O nome da história não apresenta qualquer dificuldade.

Abro o livro e pergunto ao **M. Machado** o que é que acontece.

- O Senhor Amarelo estava preocupado.
- Com quê? (eu)
- De não chegar atrasado. (**F. Machado**)
- Ele estava a pensar se alguém já tinha chegado. (**C. Jorge**)
- Mas ele é que tinha chegado a horas (**T. Monteiro**)
- E era muito tarde (**T. Pires**)
- O único que também estava lá, era o senhor Púrpura. (**T. Monteiro**)

Viro a página

- O senhor Azul e o senhor Castanho já estavam quase a chegar (**F. Machado**)
- O último a apresentar-se foi o senhor Preto (**T. Pires**)

Quando surge o senhor Verde o **F. Machado**, seguido pelo **T. Monteiro**, utiliza o discurso direto:

- Estou aqui
- Estou aqui à vossa espera!

Preciso de pedir algumas vezes que não leiam.

- O senhor Verde estava com o seu cão (**F. Gabriel**) – alusão à ilustração, em parte alguma do texto se fala num cão.

Um pouco mais à frente o **T. Monteiro** diz:

- Encontraram uma porta a dizer que se eles entrassem lá não podiam sair.
- Não era bem esse o sentido (eu)

Opto por ler o aviso tal como ele aparece no livro. O **T. Pires** pergunta o que é retorno e a **C. Jorge** responde:

- Volta, não vai voltar.

Grupo B:

Começo, como sempre, perguntando o nome do livro, não há quaisquer dúvidas. Depois ainda me dizem que o livro é todo verde. Começa então o **F. Ribeiro**:

- O senhor disse que estava muito atrasado.
- Qual senhor? (eu)
- O senhor Amarelo (**L. Oliveira**)
- E o que é que ele esperava? (eu)
- Que ninguém tivesse chegado. (**F. Ribeiro**)
- Só o senhor Púrpura, é que já tinha chegado. (**L. Oliveira**)
- Depois o Azul e o Castanho foram também a caminho (**M. Santos**)
- O Preto foi o último a chegar (**L. Oliveira**)
- Mas não sabiam onde é que estava o Verde (**M. Santos**)

Observando as ilustrações, a **M. Santos**, diz que as personagens penduraram os guarda-chuvas.

Houve a necessidade de pedir várias vezes para não lerem.

Um pouco mais à frente:

- O que é que o senhor Verde fez? (eu)
- Eles passavam todos pelo mesmo corredor longo. (**L. Oliveira**)
- Longo. E todos ligavam a luz menos o senhor Preto, porque ele é preto (**F. Ribeiro**)
- Pois porque o escuro é preto. (**L. Oliveira**)

Chegando à parte do letreiro, opto por o ler tal como aparece escrito no livro.

Grupo C:

Para este grupo, o título também não apresentou qualquer dificuldade e disseram-no em coro.

Quando peço o reconto, a **F. Penedo**, toma a iniciativa:

- O senhor Amarelo dizia que estava muito atrasado e esperava que ainda ninguém tivesse chegado.
- O senhor Púrpura estava a ver se chegava alguém. (**D. Silva**)
- Chegou o senhor Castanho e o senhor Azul. (**F. Martins**)
- Depois chegou o senhor Preto (**D. Freire**)
- E eles disseram: “Onde é que está o senhor Verde?” (**F. Penedo**)
- Porquê? (eu)
- Porque o convite não era habitual (**D. Silva**)
- O senhor Verde já estava lá à espera de todos (**F. Martins**)
- E convidou-os para a sua casa (**T. Mota**)
- Todos penduraram os guarda-chuvas – alusão à ilustração. (**D. Silva**)

Um pouco mais à frente quando o senhor Verde mostra o letreiro aos seus convidados o **F.**

Martins diz:

- O senhor Verde mostrou-lhes uma coisa que ia abrir...
- Uma coisa? Que coisa era? (eu)
- Uma porta? (**D. Silva**)
- Que tinha um...(eu)
- Uma coisa escrita (**T. Mota**)
- Mas a coisa escrita, estava escrita onde? Num le... (eu)
- Letreiro. (**D. Silva**)

Neste grupo, opto por perguntar o que é que dizia o letreiro antes de o ler. O **D. Silva** diz:

- Abram a porta para descobrirem o que está lá dentro.
- Não podem voltar (**F. Penedo**)